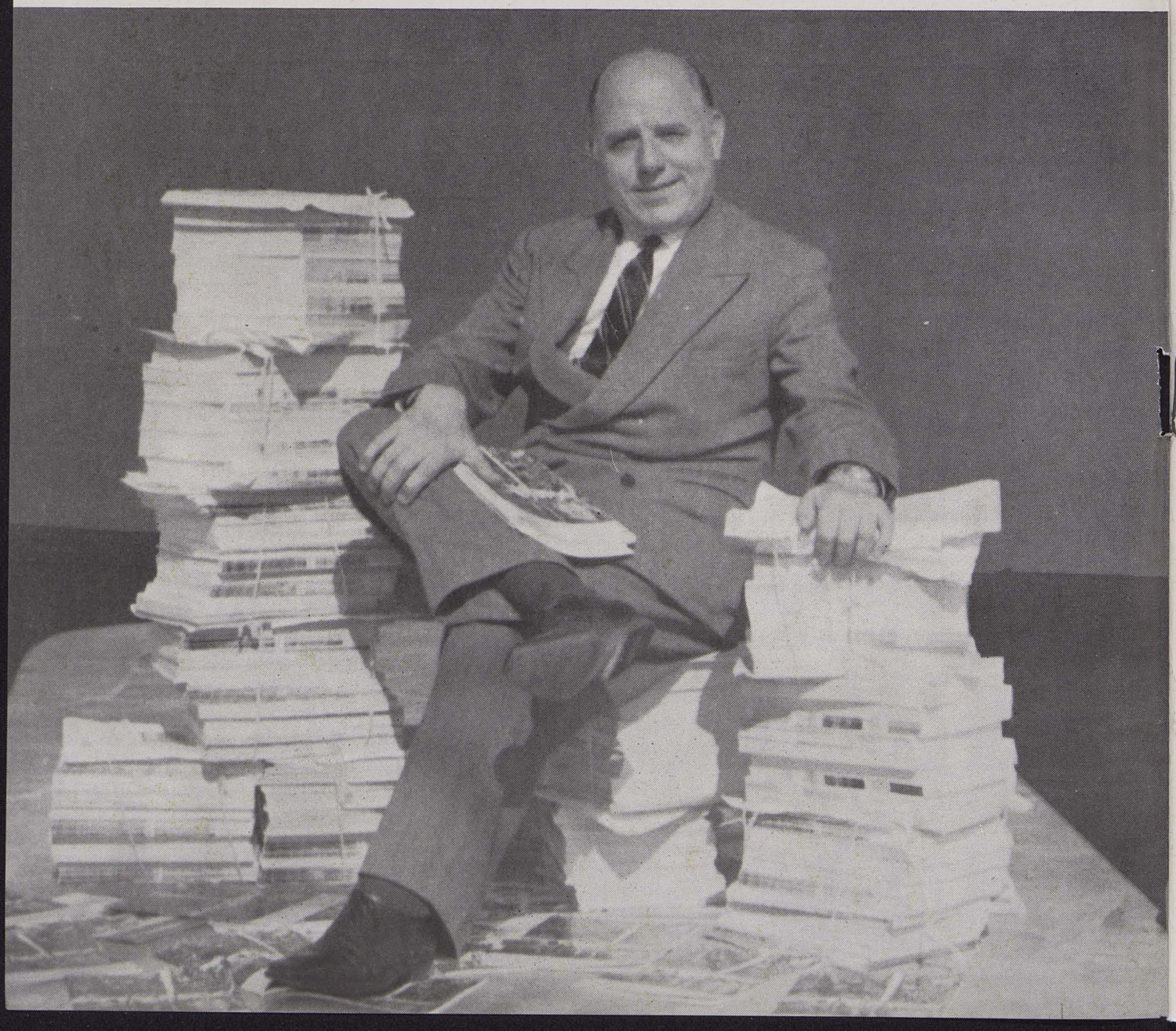
A LIAHONA

Novembro de 1966

você já pensou?
é muito mais seguro receber
das minhas mãos, pessoalmente,
a sua LIAHONA!

e é muito simples:
olhe, você faz a sua ASSINATURA comigo
(sou o seu representante da LIAHONA)
e mensalmente apanha comigo o seu exemplar
que, convenhamos,
está ficando cada vez melhor!



A LIAHONA

Editor:
Hélio da Rocha Camargo

Redatôra:
Laís N. Manzotti

Publicidade:
Francisco Máximo C. da Silva

Fotógrafos:
Wayne M. Beck
Rui Marques Bronze
Floriano Peixoto da Costa

Tradutores:
José Vieira Neto
Merly Pikel
Regina Kauag
Tereza Cristina da Rocha Costa

*

A Revista *A Liahona*, editada pelo *Centro Editorial Brasileiro*, é o órgão oficial em língua portuguêsa da estaca e missões brasileiras de *A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias*. Acha-se registrada sob número 93 do Livro B, nº 1 de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme Decreto nº 4.857, de 9-11-1930. Composta e impressa na Editôra Gráfica Rossolillo Ltda. — Rua Rui Barbosa, 333, São Paulo.

*

Centro Editorial Brasileiro: R. Afonso Braz, 464, 3º, cj. 31 — fone 61-2344 — São Paulo, SP. *Missão Brasileira*: R. Henrique Monteiro, 215 — C.P. 862, São Paulo, S.P. — fone 80-4638. *Missão Brasileira do Sul*: R. General Carneiro, 490 — C.P. 778, Curitiba — PR — fone 4-8016.

*

Os artigos desta edição foram traduzidos de *The Improvement Era, The Instructor, The Relief Society Magazine* e *The Children's Friend*.

*

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pelo editor.

*

PREÇOS:

Brasil: Ano ..... Cr$ 3.000
Exterior: Ano ..... US$ 4.00
Exemplar: ..... Cr$ 300

NOVEMBRO DE 1966 — VOL. XX — N.º 11

Nossa capa: "Como Lázaro, na parábola, o período de humilhações, enquanto outros se regozijavam, preparou o caminho para o esplendor..." Foto de Wayne M. Beck.

Então é disso que são feitos os meninos? 16
"A maioria dos jovens pais presumem que quando seu filho atingir a adolescência, terão uma boa conversa com êle a respeito dos fatos da vida. E sentem-se reconfortados com a idéia de que essa ocasião ainda está muito distante.

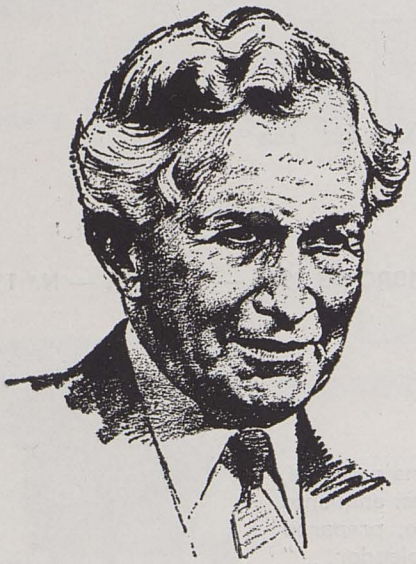
Êles são tão ricos!... 19
"Permita o Senhor que no futuro outros povos venham a dizer de nós também, "êles são tão ricos!" referindo-se ao nosso amor à causa do Mestre..."

Um emprêgo para Gustavo 22
"Hoje êle procura transmitir aos que o cercam aquela velha sabedoria..."

Conferência Geral da Sociedade de Socorro 30
As irmãs da Sociedade de Socorro terão muito proveito em guardar êstes discursos para uso em 1967, pois foram pronunciados pelas inspiradas líderes dessa organização.

SEÇÕES

Mensagem de Inspiração 4
Escola Dominical 6
Ciência e Religião 8
Jóias do Pensamento 15
Meu Cantinho 20
Página Feminina 24
Sacerdócio de Melquisedeque 26
Juventude da Promessa 28
Notícias 29
Sacerdócio Aarônico 34
Programa Noite Familiar 35



Mensagem de Inspiração

David O. McKay

Oração

A oração é um princípio fundamental da religião, a religião cristã particularmente, e a oração é uma fôrça para o bem. Um homem que ora é um homem que cresce. É um homem de poder.

No Sermão da Montanha Cristo disse:

"...tu, quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora ao teu Pai que está em oculto; e teu Pai que vê secretamente, te recompensará." (Mt. 6:6)

O maior exemplo de oração nesta Igreja é a grande experiência no Bosque Sagrado, no interior de Nova York.

Há cento e quarenta anos atrás Joseph Smith, apenas um rapaz de cêrca de quatorze ou quinze anos de idade, declarou que em resposta à oração, recebeu uma revelação. Sua declaração era simples, mas positiva; e ficou surprêso quando os homens duvidaram da sua veracidade. Para êle sua afirmativa era apenas a declaração de um fato simples. O resultado desta declaração foi o imediato ostracismo no mundo religioso. E em muito pouco tempo viu-se sòzinho.

Sòzinho — e alheio à erudição e à filosofia dos seus dias.

Sòzinho — e ignorante das artes e das ciências.

Sòzinho — sem nenhum filósofo para instruí-lo, nem ministro para guiá-lo. Com simplicidade e bondade acorrera a êles com a sua gloriosa mensagem; com desdém e escárnio voltaram-lhe as costas.

Embora parecesse só, estava só apenas como Moisés o estava no Sinai, como Jesus no Monte das Oliveiras. Assim com o Mestre, assim com o Profeta; suas instruções não vieram por vias humanas, mas diretamente de Deus, a fonte de tôda inteligência.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias está fundada sôbre a oração, sôbre a humilde e fervorosa comunhão com os céus.

Há, no mínimo, quatro grandes bênçãos que virão imediatamente àqueles que buscam ao Senhor em oração humilde.

A primeira é *gratidão*. Terão a alma cheia de ação de graças pelo que Deus tem feito por êles. Encontrar-se-ão ricos em favores concedidos. O jovem que fecha a porta atrás de si, que cerra as cortinas e lá, no silêncio roga ajuda a Deus, deveria em primeiro lugar desabafar sua alma em gratidão pela saúde, pelos amigos, pelos entes queridos, pelo evangelho, pela manifestação da existência de Deus.

A segunda bênção é a *orientação*. Não posso conceber um jovem extraviando-se, ou uma moça perdendo-se, se ajoelhar pela manhã e orar sinceramente. Não posso pensar que um santo dos últimos dias guarde inimizade no seu coração se sinceramente, em segredo, ora a Deus para remover do coração todos os sentimentos de inveja e de malícia para com o seu próximo, seja quem seja.

A terceira bênção é a *confiança*. Ensinemos aos milhares de estudantes que estão se esforçando para obter educação, que se desejam ser bem sucedidos nos estudos, devem buscar o seu Deus; que o maior Mestre dado a conhecer ao mundo está perto para guiá-los. Uma vez

que um estudante sinta que pode se aproximar do Senhor através da oração, terá confiança de que pode assistir suas aulas, de que pode preparar seu discurso, que pode apresentar-se diante dos seus colegas e entregar sua mensagem sem mêdo ou fracasso. A confiança nos vem mediante a oração sincera.

Quarto, êle obterá *inspiração*. Não é por imaginação que podemos abordar a Deus e receber luz e orientação, que nossas mentes serão esclarecidas, que nossa alma será aclarada pelo Seu Espírito. A inspiração é manifestada a todos quantos abrem os olhos para ver e os corações para entender.

...E aquêle que irradia

Cremos na oração.

Cremos no evangelho restaurado, que foi revelado em resposta à oração. Deixemo-lo irradiar-se de nossas vidas, em tôdas as nossas relações com o próximo.

O Salvador deu-nos o exemplo, sempre calmo, sempre controlado, de ir irradiando algo que o povo podia sentir quando passava — a mulher que tocou suas vestes é um exemplo. Êle sentiu algo sair de sí, esta radiação que é divina.

Cada homem, cada pessoa que vive neste mundo exerce uma influência, seja para o bem ou para o mal. Não está só no que diz, não está só no que faz — é o que êle é. Cada homem, cada pessoa irradia o que é.

Cada pessoa é um recipiente de irradiação. O Salvador estava consciente disso. Tôda vez que estêve diante de alguém, sentiu esta radiação — fôsse a samaritana com o seu passado; fôsse a mulher que estava para ser apedrejada, ou os homens que estavam para apedrejá-la; fôsse o homem público, Nicodemos, ou um dos leprosos. Estava consciente da radiação dos indivíduos. Em certo grau você também o é, e também eu o sou. O que somos e o que irradiamos afeta os que nos cercam.

Devemos ter pensamentos nobres. Não devemos encorajar pensamentos vís ou aspirações rasteiras. Se tivermos pensamentos nobres, se encorajarmos e nutrirmos nobres aspirações, haverá esta radiação quando nos defrontarmos com as pessoas, especialmente quando nos associarmos a elas.

Atualmente temos maiores oportunidades que nunca, como homens do sacerdócio, como mulheres da Igreja, de fazer com que os lares possam irradiar aos nossos vizinhos harmonia, amor, deveres, lealdade. Deixemos que os nossos vizinhos as vejam e ouçam. Jamais deve ser expresso num lar santo dos últimos dias um juramento, um têrmo condenatório, uma expressão de ira, de ciúmes, ou de ódio.

Cada alma a tem. É você. O corpo é sòmente a casa em que você vive. Deus nos ajuda a irradiar fôrça, contrôle, amor, caridade (que é um outro nome do amor), consideração, e os melhores votos para todos os sêres humanos.

Deus nos ajuda como membros do sacerdócio e como membros da Igreja a irradiar nossa fé nêle, amor pela humanidade, vontade de servir seu povo onde quer que esteja.

Escola Dominical

MILAGRE NA NOVA ZELÂNDIA

Lorin F. Wheelwright

Após a sessão matinal da conferência trimestral em dezembro passado, em Wellington, Nova Zelândia, um jovem aproximou-se de mim e apresentou-se como Raha Wineera. Disse que sua irmã havia escrito que eu viria, e que desejava conhecer-me. Conversamos por vários minutos, e então convidei-o para fora, onde poderia fotografá-lo para o *The Instructor*.

O rapaz era cordial e cooperador. Não sòmente *êle* viera para fora comigo, mas também um grupo de amigos seus. Após fotografá-lo sòzinho, fotografei Raha com seus amigos; essa foto ilustra a estima em que é tido por aquêles que o conhecem.

Milhares de santos na Nova Zelândia e em outros lugares mais, têm vibrado com a história de como um bebê cego recobrara a visão, há alguns anos atrás, sob a bênção do sacerdócio do Élder Matthew Cowley. Raha Wineera era êsse garôto.

Quando lí pela primeira vez sôbre esta cura, há alguns anos atrás, surpreendeu-me a simplicidade do evento e a maneira despreocupada pela qual o Élder Cowley o relatara. Duvidava que realmente tivesse ocorrido. Resolvi, então, que algum dia, se tivesse oportunidade, tentaria encontrar o menino cuja visão fôra dada através do poder do sacerdócio. Primeiramente, deixem-me passar em revista o discurso do Élder Cowley, que me instigou a buscar êste jovem.

"Tive algumas grandes experiências," disse Élder Cowley, em 1953, ao corpo de estudantes da Universidade Brigham Young. "Tem havido ocasiões em que o Senhor tem me abandonado. Mas quando não, tenho tido algumas miraculosas — bem, eu não quero dizer miraculosa, é a experiência normal do sacerdócio — inspirações do Espírito Santo. Posso prestar meu testemunho a vocês, meus colegas, aqui nesta manhã, que Deus pode operar através do seu sacerdócio, e que Êle opera através dêle. Sei disso sem qualquer dúvida. Tenho tido muitas experiências. Sou testemunha destas coisas."(1)

Élder Cowley relatou vários incidentes de cura e outras manifestações do Espírito Santo. Então contou êste incidente:

Tenho contado a história do menino de nove meses que nascera cego. O pai veio com êle num domingo e disse: "Irmão Cowley, nosso bebê não foi abençoado ainda; gostaríamos que o abençoasse."

Respondi-lhe: "Por que esperou tanto?"

"Oh, não nos preocupamos muito com isso."

Ora, êste é o costume nativo; gosto disso. Êles apenas não se preocupam em fazer as coisas! Por que não viver e apreciar isso? Eu disse: "Está bem; qual é o nome?" Assim, êle disse-me o nome, e eu ia começar, quando êle falou: "Ao dar-lhe o nome, dê-lhe também a visão. Êle nasceu cego." Bem, isso chocou-me, mas então eu disse a mim mesmo, por que não? Cristo disse aos seus discípulos, ao deixá-los, que obrariam milagres. E eu tinha fé nessa fé de pai. Após ter dado nome à criança, finalmente preocupei-me em dar-lhe visão. Êste garôto tem cêrca de doze anos agora. Na última vez que voltei lá temia perguntar por êle. Estava certo que lhe tinha voltado a cegueira. Êste é o modo como algumas vêzes minha fé funciona. Assim, perguntei ao presidente do ramo por êle. Respondeu-me: "Irmão Cowley, a pior coisa que você já fêz foi abençoar aquêle menino para que recebesse sua visão. É agora o garôto mais detestável das vizinhanças, está sempre metido em más ações." Rapaz, espantava-me aquêle garôto estar metido em más ações!

... Deus controla todos êstes elementos. Se eu ou você pudermos conseguí-lo, e se fôr Sua vontade, poderemos trazer êstes elementos sob nosso contrôle, para os Seus propósitos. Sei que Deus vive. Sei que Jesus é o Cristo. Sei que Joseph Smith foi um profeta de Deus. E se já houve algum milagre na história da humanidade, o milagre é esta Igreja, que tem crescido à sua presente grandeza na Terra... (2)

Recentemente, como membro da junta geral da Escola Dominical, fui designado para visitar as estacas de Nova Zelândia. Enquanto alí, perguntei sôbre aquêle garôto cujos olhos haviam sido curados através da bênção do Élder Cowley. Disseram-me que sua irmã morava em Hamilton, onde estão situados o Templo e a Universidade da Igreja. Graças à ajuda do Presidente Heber G. Jensen, do Templo de Nova Zelândia, entrei em contato com ela por telefone e perguntei:

"Seu irmão ainda está morando na Nova Zelândia — aquêle que recebeu a vista mediante uma bênção do Presidente Cowley?

"Oh, sim," replicou. "Agora mora em Wellington. Quando você visitar essa estaca, êle estará provàvelmente presente nas reuniões. É muito ativo na Igreja."

"Diga-me o que recorda do incidente da bênção," perguntei; e ela replicou:

"Há alguns detalhes dos quais acho que o irmão Cowley não se lembra, mas recordo-me vividamente. Meu irmão era o caçula de dezesseis filhos. Morávamos em Porirua. Minha mãe não era membro da Igreja, mas meu pai sim. Era nosso costume esperar para abençoar as crianças até que o Presidente da Missão nos viesse visitar. Êle nos visitaria três vêzes por ano. Foi na ocasião de uma dessas visitas que levamos Raha (nome pelo qual o chamamos) para ser abençoado. O bebê tinha cêrca de um ano nessa época. Papai deu-o a um diácono na porta. O diácono é agora meu marido. Tínhamos uma conferência no Ramo e a sala estava cheia. Todos os santos que podiam viajar estavam alí. Êste diácono conduziu o bebê e a mensagem de meu pai ao Presidente Cowley. A mensagem dizia que o nome do bebê seria Te Rauparaha Wineera e que o abençoasse, de modo que recebesse a visão, pois havia nascido cego. O diácono entregou a mensagem e o bebê ao Presidente Cowley. O presidente pensou silenciosamente por vários minutos, então abençoou o menino e prometeu que êle veria."

Então perguntei a ela se a promessa fôra cumprida, e se o fôra, como. Ela respondeu:

"Sua vista veio-lhe gradualmente. O povo o aceitou como o resultado normal da bênção. Todos recordam-se do evento com calorosos sentimentos, todos amam o rapaz e sentem que êle recebeu uma bênção muito especial do Senhor."

Descobri que Raha era muito ativo, em verdade. Servia como segundo assistente da superintendência da Escola Dominical da Ala de Porirua. Aos 22 anos de idade, qualquer inclinação que tivera quanto às más ações da meninice haviam sido ultrapassadas por uma personalidade madura e amigável. Disse que não pudera freqüentar o secundário e a faculdade, e que trabalhava numa fábrica de canos. Respondeu minha pergunta acêrca de casamento, dizendo que ainda não pensara muito sôbre o assunto, mas que "Dê-me tempo." Disse que soubera acêrca da sua cura através dos testemunhos prestados pelos santos, a êle concernentes. Disse também, "Não liguei muito até os dezesseis anos." Então fêz esta simples e direta declaração que registrei em minhas notas: "Tenho um testemunho da Igreja e gostaria de aprender mais."

Êste jovem, nascido em 4 de maio de 1944, é um testemunho vivo do poder do sacerdócio. Ao relatar esta experiência na conferência geral de 1949, o Élder Cowley, então membro do Conselho dos Doze, comentou sôbre seus sentimentos ao abençoar e dar visão a essa criança:

Estava acabrunhado, indeciso, mas sabia que dentro do ser daquele polinésio (o pai de Raha) havia a fé simples de uma criança, uma fé não afetada por conhecimentos de psicologia ou por qualquer saber humano, mas uma simples fé em Deus e nas promessas que fêz através de Seu Filho Jesus Cristo. Dei à criança um nome, e eventualmente concentrei coragem bastante para abençoá-la com a visão. (3)

E concluiu seu discurso dizendo:

... deixo meu testemunho com vocês de que Deus vive, que Jesus é o Cristo, que Joseph Smith é um profeta de Deus, e que êstes são homens de Deus, dotados de poder do alto para serem os líderes dos filhos de Deus na Dispensação da Plenitude dos Tempos. Que possamos apoiá-los é a minha oração, em nome de Jesus Cristo. Amém. (4)

Esta declaração do Élder Cowley excita o meu coração quando lembro-me de minha visita à Nova Zelândia e do meu encontro com Te Rauparaha Wineera, cujos claros olhos fitaram os meus ao dizer: "Tenho um testemunho da Igreja e gostaria de aprender mais."

Notas 1, 2, 3 e 4: Matthew Cowley Speaks; Matthew Cowley — Deseret Book Co., Salt Lake City, Utah, 1960; pgs. 238; 247, 248; 5; 10.

JÓIA SACRAMENTAL
para dezembro

Escola Dominical Sênior

Mórmon 9:29.

Escola Dominical Júnior

Jesus disse: "... tende paz uns com os outros." (Marcos 9:50)

Recitação em Conjunto

A ser apresentada no primeiro domingo de janeiro de 1966:

Curso 4: Tiago 2:19-20.

Curso 7: Apocalipse 20:12.

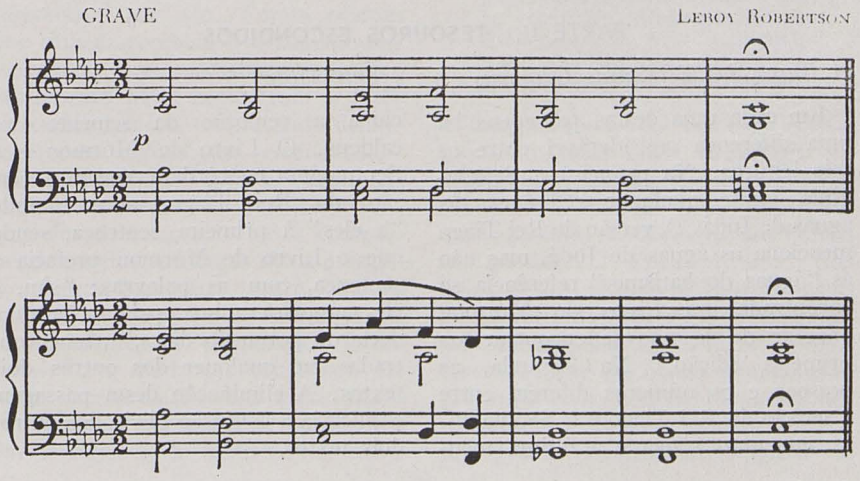
HINOS DE ENSAIO
para dezembro

Escola Dominical Sênior

"Eis dos anjos a harmonia," n.º 46.

Escola Dominical Júnior

"O Hino dos Pastôres," n.º 84, As Crianças Cantam.

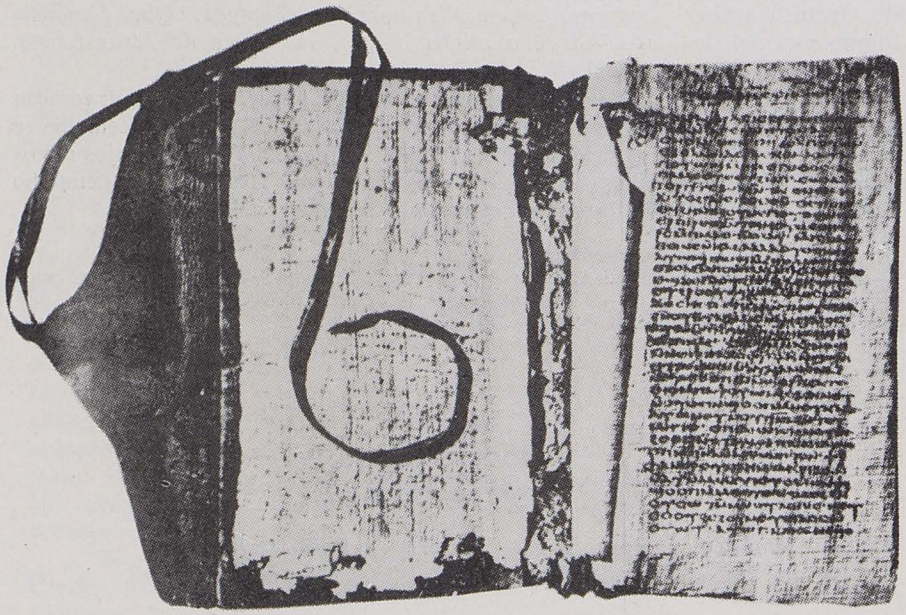


CIÊNCIA & RELIGIÃO

A PARTIR DE CUMORAH

NOVAS VOZES DO PÓ

Hugh Nibley
professor de História e Religião
na Universidade de Brigham Young



PARTE II. **TESOUROS ESCONDIDOS**

A Busca das Escrituras Originais (*continuação*)

Em cada uma destas passagens há uma diferença considerável entre as três leituras. Na primeira a Septuaginta omite qualquer referência às águas de Judá. A versão do Rei Tiago menciona as águas de Judá, mas não as "águas do batismo," referência só encontrada no Livro de Mórmon (apesar de lá não se encontrar na primeira edição.) Na segunda, as pessoas e os números diferem entre a versão do Rei Tiago e a Septuaginta, enquanto sòmente a última menciona a remoção da semente dos caldeus. O Livro de Mórmon e a Septuaginta concordam, contra a versão do Rei Tiago, acrescentando "a êles" à primeira sentença, sendo que o Livro de Mórmon prefacia a sentença, com as palavras: "sim, e êle cumprirá a sua palavra, a qual declarou por meio dêles," não encontradas em qualquer dos outros dois textos. A eliminação desta passagem explicaria a confusão óbvia dos outros dois textos.

Na terceira passagem do Livro de Mórmon há uma introdução que falta, tanto na versão do Rei Tiago como na Septuaginta. Como se trata de uma denúncia da "iniqüidade dos pastôres do meu povo, que são responsabilizados pela dispersão de Israel, é claro o motivo pelo qual é ignorada pelos doutôres das escolas que fizeram a Septuaginta e a Massora. Justino Martir acusou os doutôres judeus de eliminarem passagens que acharam desagradáveis. A Septuaginta considera o povo em lugares distantes como gentios e introduz uma declaração direta do Senhor, não encontrada no Rei Tiago. Na quarta passagem o sentido da Septuaginta é bastante diferente da do Rei Tiago, explicando que o Senhor perdoará seu povo se êste se humilhar. O Livro de Mórmon acrescenta uma frase que não se encontra em nenhuma das outras fontes, òbviamente endereçadas a pessoas que possuem mais informações do que nós: "...porque os pés daqueles que estão no oriente serão estabelecidos."

O objetivo dêste exame breve e superficial dos três livros é simplesmente indicar que ocorre algo que merece uma investigação mais cuidadosa. A maneira pela qual o Livro de Mórmon se enquadra no panorama do Velho Testamento é, sem exagêro, notável. Contudo, a atividade de Nefi é ainda mais impressionante no que diz respeito ao Nôvo Testamento.

Em nossos dias, os entendidos chegaram ao relutante acôrdo de que a mensagem cristã não veio a nós em sua forma original. "A presente geração," escreve uma eminente autoridade em documentos do Nôvo Testamento, "encontra-se no princípio de um nôvo ciclo, em busca do original grego do Nôvo Testamento." E acha-se perplexa, não sabendo em que direção voltar-se: "Qualquer esfôrço relevante para melhorar o texto crítico básico precisa *marcar passo* até que todo o complexo de estudos de textos revele um nôvo molde integrador... sabemos apenas que a teoria tradicional a respeito do texto (Nôvo Testamento) é imperfeita, mas não podemos ainda ver claramente para corrigirmos a falha... o crítico modera-se ao compreender que o melhor texto crítico até aqui alcançado tem atualmente pouquíssima garantia de ser o texto original."[24] "Trinta ou quarenta anos atrás," segundo C. C. McCown, "havia muita conversa a respeito dos

"resultados garantidos" da crítica histórico-literária... Agora... a erudição bíblica... deve lutar para sobreviver... à luz de novos métodos e de novas descobertas arqueológicas, textuais, paleográficas e históricas."[25]

Mas se não temos os textos originais, estamos obtendo uma idéia muito boa do que aconteceu a êles. Aqui novamente é Nefi quem "dá as cartas" sem errar. Tendo contemplado em visão a vida e o ministério de Cristo e dos Apóstolos, estava prestes a escrever o que havia visto, quando foi impedido de fazê-lo com o mandamento, "Mas as coisas que tu vires de agora em diante, tu não as escreverás..." (I Nefi 14:25-28). Foi-lhe explicado que o registro daquelas coisas estava reservado para o "apóstolo do Cordeiro de Deus, que êle mesmo as escrevesse." (Idem 14:25) e foi-lhe dito pelo anjo "que o nome do apóstolo do Cordeiro era João" (Idem 14:27). João e não Nefi deveria escrever tôdas estas coisas, que depois disso não deveriam ser publicadas, porém "seladas para que apareçam em sua pureza... ao povo de Israel, no próprio e devido tempo do Senhor." (Idem 14:26).

Agora nada é mais admirável quanto aos recém-descobertos manuscritos judaicos e cristãos do que a maneira persistente e enfática com que suas frases e idéias fazem lembrar os escritos de João. Estudioso após estudioso tem apontado isto em seus escritos, cada vez mais freqüentemente. Trinta anos atrás... uma espécie de ortodoxia corrente "insistia em que o evangelho de João era o mais recente e menos judaico de todos"[26], escrito bem tarde em Alexandria ou Éfeso por um grego de tendências estóicas e platônicas. Mas, "sob o impacto das novas descobertas," informa-nos Albright, "uma forte reação estabeleceu-se recentemente... Alguns estudiosos radicais consideram atualmente João como o mais antigo dos Evangelhos, em vez de o mais recente."[27] Desde que isso foi escrito, chegou-se a reconhecer, em geral, que as peculiaridades de João nos levam de volta a fontes definitivamente mais antigas do que os próprios Evangelhos Sinóticos.[28]

Em 1953, H. R. Dodd e, no ano seguinte, W. Noack, mostraram que o de João era "o livro mais hebraico do Nôvo Testamento, com exceção talvez do Apocalipse," sendo um produto dos cristãos do deserto do período mais antigo.[29] Quanto ao Apocalipse, ao qual foi negado um lugar na Bíblia por alguns dos mais eminentes doutôres da Igreja, tendo-lhe sido negada a autoria de João pelos estudiosos até os dias de hoje, "êste documento perturbador" como Dodd o chama, "causou muitas reconsiderações em críticas recentes. Na geração passada era ainda possível considerar o Apocalipse como "trabalho de tesoura e cola," mas isso não ocorre mais.[30] A que conclusão chegaremos? Dodd garante-nos que "o enigma joanino sòmente será resolvido depois que tôda a bibliografia joanina fôr descoberta.[31] Basta dizer, no momento, que João detém a chave das origens do Nôvo Testamento e êle próprio permanece um mistério.

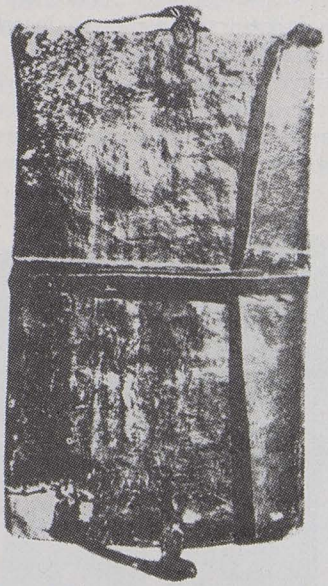
Mas, e os outros três evangelhos? Para verificarmos o estado atual do problema, não podemos fazer nada melhor do que nos referirmos ao prefácio de W. Schneemelcher à sua re-edição da coleção padrão de Apócrifos do Nôvo Testamento (a velha coleção Hennecke). Êle nos garante que os três evangelhos sinóticos não são absolutamente o "Evangelion" original, mas sim, usando seu próprio têrmo, em "Ersatz"[32]. São provenientes de um meio inteiramente alheio ao de João, com cujos escritos em nada se identificam."[33]

O fato de que existem três evangelhos sinóticos em vez de um, apresenta o maior enigma da crítica do Nôvo Testamento: Por que existem três e por que diferem. A própria "multiplicidade de evangelhos" é evidência adequada de que alguém andou manipulando os registros.[34]

Hoje em dia os entendidos pensam ter uma boa idéia da espécie de gente responsável por isto. Foram pessoas que tinham recebido o evangelho dos Apóstolos, mas imediatamente após o passamento dêles começaram a fazer alterações básicas, desprezando deliberadamente alguns dos ensinamentos mais importantes.[35] Não se tratava das antigas comunidades judaico-cristãs, mas de várias igrejas locais compostas de gentios, em cujas mãos o registro chegou bem cedo (entre 70 e 80 A.D.)[36] e por quem as alterações e, especialmente, as eliminações foram feitas.[37] As mudanças consistiam em novas interpretações das escrituras e em omissões substanciais, porém *não* em corrupções do texto.[38]

Vejamos o que Nefi tem a dizer a respeito do nosso Nôvo Testamento. Primeiro, que sua substância se originou da palavra *falada* de Jesus; que "quando saía da bôca do judeu continha a simplicidade do Evangelho" (I Nefi 13:24). Repetidamente (4 vêzes), Nefi usa a expressão peculiar e vívida "saiu da bôca de um judeu," ou "vem da bôca de um judeu," (Ibid. 14:23). Era palavra da bôca ou, para usar o equivalente estritamente literal, era na forma de *logia*.

Os textos mais significativos que estão sendo descobertos hoje são as perdidas *logias*, ou expressões orais de Jesus, presentemente reconhecidas como a forma e substância mais antigas de mensagem do evangelho.[39] Destas foram construidos os evangelhos.

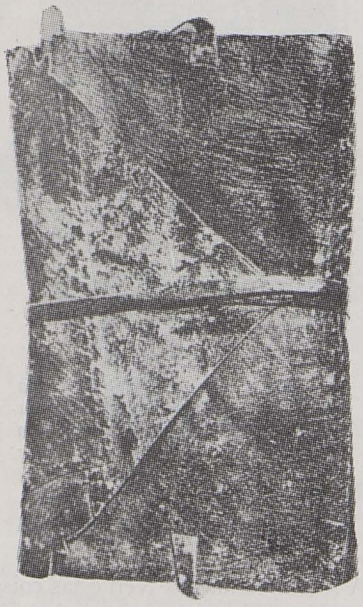


Os clichês que aparecem nestas páginas, apresentados em sua encadernação original, são dos mais antigos livros cristãos que se conhece, provenientes da Biblioteca de Nag Hammadi. São tão antigos quanto os Manuscritos do Mar Morto.

A seguir conta-nos Nefi estas coisas, que eram tidas entre os judeus em forma pura, simples e compreensível, "foram transmitidas pelas mãos dos doze apóstolos do Cordeiro, dos judeus aos gentios..." (Idem 13:26). Nas mãos dêstes últimos e logo no princípio, sofreram mutilação: "despojaram o evangelho do Cordeiro de muitas partes que são claras e sumamente preciosas, como também de muitos dos convênios do Senhor" (idem 13:26). A "grande e abominável igreja" é

acusada desta insensatez e aqui nada é mais justo do que mencionar que I Nefi 22:13 se refere a *qualquer um* que luta contra Israel, por aquêle título desagradável e que o dano às escrituras foi feito por aquela mesma grande e abominável, antes de o Nôvo Testamento sair para o mundo, possìvelmente antes de ter deixado a Palestina. "E *depois* de tais coisas claras e preciosas haverem sido riscadas do livro, êle se propagou por entre *tôdas* as nações dos gentios" (idem 13:29 — o grifo foi acrescentado). Uma das importantes descobertas da moderna "crítica da forma" foi a de que a original tradição da palavra oral foi recomposta (*neu geformt*) por certos grupos cristãos antigos e naquela forma "transmitida" ao mundo. A revisão verificou-se logo após as aparições do Senhor em seguida à ressurreição mas há incerteza quanto ao autor e ao motivo.[40].

Através dos séculos que se seguiram, de acôrdo com Nefi "por causa dessas coisas que foram suprimidas do evangelho do Cordeiro, grande número



tropeça..." (idem 13:29). Qual palavra poderia expressar com maior exatidão a condição dos leitores da Bíblia até nossos dias? Caminham, mas ao caminharem tropeçam — não concordam no que lêem e nunca concordaram e, hoje em dia, todo o mundo estudioso está, por sua própria admissão, tropeçando no escuro, procurando algum "nôvo molde integrador" e imaginando qual pode ser "o sentido de tôda a bibliografia joanina." É notável que Nefi não menciona corrupções e inserções no texto, mas martela insistentemente naquele específico defeito fatal, as coisas preciosas que "êles tiraram." Finalmente, Nefi tem boas novas: em seu próprio tempo o Senhor vai trazer à luz escritos que estavam "selados para que apareçam em sua pureza," aquêles mesmos escritos de João que o próprio Nefi fôra proibido de duplicar (Ibid. 14:26-27).

Cada passo do relato de Nefi sôbre os escritos do Nôvo Testamento pode ser confirmado no quadro que surge dos estudos atuais do Nôvo Testamento: (1) Sua forma original foi a palavra falada, a *"logia"*; (2) Claramente compreensível apenas em seu ambiente original judaico-cristão; (3) Foi transmitido a princípio "pelas mãos dos apóstolos" (i.e., em forma escrita) aos gentios (ver Nefi 13:24-26); (4) Os quais principiaram nas várias igrejas a reinterpretar e eliminar grande parte do registro (v. 27);[41] (5) Após ter sido causado o dano, o Nôvo Testamento foi "a tôdas as nações dos gentios" (v. 29). É um fato verificado que, embora antigos manuscritos do Nôvo Testamento sejam encontradiços em todo o Velho Mundo, em muitas línguas, todos representam as mesmas famílias mutiladas de textos. É por isso que ainda estamos procurando o original. (6) Em virtude das deficiências encontradas nos escritos conhecidos, os religiosos nunca foram capazes de compreendê-los ou de concordarem quanto ao seu significado e hoje em dia se encontram tão perplexos como sempre estiveram. Em outras palavras, "tropeçam." (7) Finalmente, temos a garantia de que existem documentos não alterados e escondidos, esperando aquêle tempo em que "aparecerão em sua pureza..."

E realmente, pela primeira vez na história, os estudiosos estão em nossos próprios dias começando a depositar muito francamente suas esperanças na possível descoberta de tais documentos. (8) A êstes pontos poderíamos acrescentar o peculiar papel de João no relato de Nefi — o único personagem do Nôvo Testamento mencionado no Livro de Mórmon — pois João é hoje em dia a mais importante, bem como a mais enigmática e misteriosa figura na busca da mensagem cristã original.

Métodos e Obstáculos — Em seus esforços para discernirem mais claramente qual poderia ter sido a forma original dos ensinamentos do evangelho, os entendidos surgiram com dois novos e poderosos instrumentos de pesquisa. Inicialmente empregados por escolas rivais, são agora combinados com grande resultado para explorar as bases presumíveis do Nôvo Testamento. Um dêsses instrumentos é a *Crítica da Fonte* (*Quellenkritik* ou *Quellengeschichte*), que examina todos os documentos que rodeiam um escrito antigo em tôdas as suas relações complexas, na esperança de descobrir fontes possíveis, diretas ou indiretas, daquilo que está no escrito. O outro é a *Crítica da Forma* (*Formkritik* ou *Formgeschichte*), que toma cada passagem do texto como se fôsse uma produção independente e procura determinar seus fundamentos (*Sitz im Leben*), na presunção de que o ambiente em que uma composição literária se originou, invàriavelmente se refletirá em maior ou menor escala no próprio escrito. A eficiência dêstes métodos absolutamente não se limita à Bíblia. Podem ser aplicados ao estudo de qualquer texto antigo, incluindo-se o Livro de Mórmon.

O problema do Livro de Mórmon, aliás, está agora começando a se parecer muito com o problema da Bíblia. Em ambos os casos a questão elementar é: "como podemos explicar a existência dêste grande e complicado livro?" As respostas não são as mesmas, mas os métodos de investigação o são. Se alguém perguntar, "O que têm as recentes descobertas do Oriente Próximo a ver com Cumorah?", a resposta será: "Muito." Pois os manuscritos pertencem tanto ao mundo do Livro de Mórmon como ao da Bíblia. Aqui é preciso acrescentar uma palavra de esclarecimento.

O Livro de Mórmon é uma estrutura colossal. Considerado puramente como ficção é um "tour de force" sem paralelo. Que outro volume pode se aproximar dêle em riqueza de detalhes e complexidade estreitamente entremeada desta precisão de fatos, combinadas com lucidez simples e aberta? Qualquer livro que escolhermos será fraco em comparação. Alguns terão uma qualidade, outros outra, mas como o "Homero" de Matthew Arnold, o Livro de Mórmon combina estas qualidades geralmente incompatíveis numa estrutura de consistência impe-

cável. Nossa literatura está repleta de livros grandes, pomposos, extensos, prolixos, de pregação, tecendo as reminiscências e impressões pessoais de um escritor (em geral tratando de sua adolescência) em longas meadas sem originalidade.

Mas esta história religiosa, firme e compacta de um período de mil anos é algo completamente além do escôpo da composição criativa. Para pôrmos à prova nossa tese, sugerimos que o leitor cético pense em um número qualquer entre dez e trinta. Então, começando com a página 1 do Livro de Mórmon, que êle vire para qualquer página daquele livro, cujo número seja um múltiplo e veja o que lá encontra. Ou que êle pense antecipadamente em uns cinqüenta ou mais números diferentes entre 1 e 500 — e então consulte páginas correspondentes do Livro de Mórmon. O que estamos sugerindo aqui é que se escolha um grande número de itens do Livro de Mórmon completamente a esmo. Que tremenda riqueza de detalhes descobriremos! Que infinita prodigalidade de inventiva! Tomemos páginas ao acaso:

*Página 1:** Uma explicação de quem escreveu o livro, sua origem, fontes de informações, credenciais, cultura e a língua em que o escreveu; uma declaração sôbre a época e o local da história, as condições peculiares vigentes, as preocupações e as viagens de Lehi — tudo isto e mais ainda, nos primeiros cinco versículos.

*Página 20:** Interpreta um sonho a respeito de um grande e espaçoso prédio; Nefi vê em visões as guerras, tribulações e final extermínio de seus descendentes, grandes destruições sôbre a terra, e uma visita do Salvador aos sobreviventes.

*Página 40:** Dissensão e dificuldades a bordo. Nefi é amarrado e o navio quase naufraga numa tempestade; o povo chega ao Nôvo Mundo e continua com seus costumes de plantio e de nomadismo pastoral do Velho Mundo; domesticam animais e buscam metais preciosos.

*Página 60:** O término de um hino de ação de graças de Nefi, assombrosamente semelhante ao Hino de Ação de Graças dos Manuscritos do Mar Morto (alguns chamam-no de *salmo* mas, estritamente falando, um salmo é um hino ritual relacionado com os ritos do templo.)

Os irmãos de Nefi o acusam de ter ambições à realeza e planejam eliminá-lo. Êle continua em sua migração levando todos os que querem acompanhá-lo. Há uma descrição da maneira como as civilizações se espalham através de terras virgens.

*Página 80:** Inteiramente tomada por textos de Isaías: já vimos alguma indicação de quão ousadas e engenhosas estas traduções de Isaías podem ser.

*Página 100:** Um discurso de Nefi a respeito do *modus operandi* de Satanás neste mundo; êle profetiza a final coligação de Israel e descreve as condições sob as quais se verificarão.

Para economizar espaço, pulemos das primeiras para as últimas cem páginas:

*Página 420:** Fala das conseqüências de um grande e muito bem descrito terremoto.

*Página 440:** Aqui o próprio Jesus dirige-se ao povo, ao qual apareceu após a ressurreição, mostrando-lhe como todos os profetas dêle falaram.

*Página 460:** Mórmon, aos dez anos de idade, recebe instruções sôbre como cuidar dos registros sagrados nos maus tempos que viriam. Um ano mais tarde êle vai com seu pai para Zarahemla e empolga-se com a visão do local. Uma complicada guerra local está se travando na época.

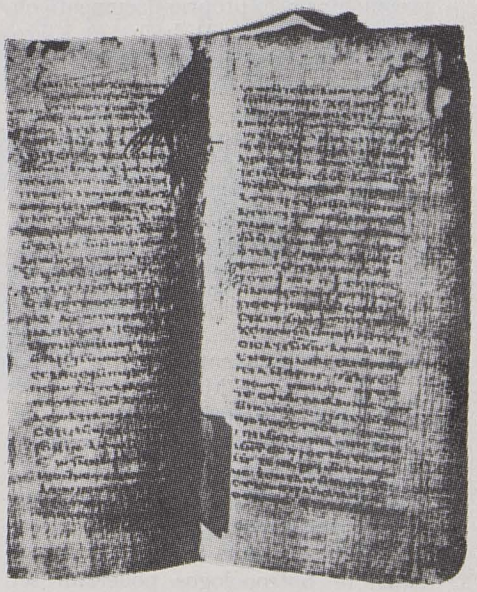
*Página 480:** Leva-nos de volta a milhares de anos para a grande dispersão da Tôrre, descrevendo com algum detalhe a natureza daquelas migrações proto-históricas.

*Página 500:** Os singulares costumes dos reis jareditas são descritos — como passaram seus dias em cativeiro. Profetas, inclusive Éter, andam no meio do povo.

*Página 520:** Moroni, tendo terminado sua triste história, encontra um pouco de tempo disponível; prescreve uma prova decisiva para a veracidade de seu livro e discorre sôbre os vários dons do Espírito.

Contudo, basta. O leitor poderá continuar por si só. Aqui nós escolhemos a esmo 1/26 do total de páginas do Livro de Mórmon e de cada uma tiramos apenas um ou dois itens. Esta espécie de exercício é uma boa maneira de chamar a atenção para o conteúdo compacto e denso do livro, para a admirável uniformidade de distribuição do material, para o tratamento natural, competente, confiante e sem complicações de detalhes vastos e exagerados. Onde mais se encontrará tal inventiva inexaurível, combinada com tal infalível exatidão e consistência? Pode-se dizer de forma humorística ainda que justa, que o artista precisa não sòmente equilibrar um aquário de peixes dourados e três velas acesas na ponta do cabo de vassoura enquanto espanta um enxame de moscas, mas precisa ao mesmo tempo estar esculpindo uma peça imortal de estatuária num pedaço de sólido granito. Num empreendimento como êste, simplesmente evitar a confusão total e o desastre completo já seria uma realização sôbre-humana.

Mas não é esta a tarefa — isto é apenas um detalhe coincidente com o problema principal que temos em mão e que consiste em ter algo significativo para dizer com todo êste tratamento consumadamente habilidoso de meros detalhes técnicos; e não sòmente significativo, mas profundo e comovente e tão importante nas condições peculiares de nossos próprios dias, como se fôsse o falar aos nossos ouvi-



dos com uma voz de trovão.

Fica-se aterrado ante a presunção daqueles jornalistas, professôres e escrevinhadores, que através dos anos têm feito caçoada da linguagem exótica e do assunto estranho do Livro de Mórmon, preferindo enquanto isso ignorar o seu escôpo e maestria sem paralelos. É de admirar o acinte daqueles que ainda nos garantem que qualquer pessoa com um pouco de

tempo em suas mãos e com uma Bíblia aberta ao lado poderia produzir um Livro de Mórmon.

O mínimo que o estudioso sincero pode fazer é admitir que está diante de um problema — aqui há coisas relacionadas com a produção do Livro de Mórmon que simplesmente não podemos compreender. Isto foi francamente admitido nos dias de Joseph Smith[41] e todo o conjunto de literatura dedicado a desmentir o Livro de Mórmon consegue apenas desmascarar a confusão de seus autôres.[42] Os estudiosos da Bíblia agora se encontram na mesma situação. Há trinta anos atrás todo seminarista estava convencido de que sabia exatamente de onde a Bíblia (e o Livro de Mórmon) tinham vindo. Aquêles eram os dias em que êles sabiam tôdas as respostas, entretanto, hoje em dia novos testes estão sendo aplicados ao texto da Bíblia e sugerimos que se apliquem ao Livro de Mórmon.

Os especialistas em documentos antigos definem "falsificação" como "qualquer documento que não foi produzido no tempo, local e maneira pretendidos pelo próprio documento ou pelo seu editor." (Wilrich) O Livro de Mórmon fornece comprometedoras informações completas quanto ao tempo, local e maneira de sua produção. Tudo o que temos a fazer é verificar tais afirmativas. Como? Contra qual evidência? Pelos mesmos métodos e usando a mesma evidência atualmente empregada para investigar a Bíblia, porquanto os dois livros pertencem ao mesmo universo de discurso, não apenas espiritualmente, mas também cultural e històricamente.

Se o Livro de Mórmon fôsse uma obra sôbre matemática, deveria ser submetido antes de tudo aos matemáticos, para uma crítica inteligente; se fôsse um livro de química, os químicos deveriam ser chamados; se fôsse a respeito de raças e costumes primitivos, os antropólogos poderiam ser consultados com cuidado; se afirmasse ser um tratado de filosofia, poderíamos submetê-lo ao exame de filósofos; se fôsse oferecido como uma obra prima de literatura americana, o departamento de inglês poderia ser convidado a opinar.

Mas êle não declara ser nada disso e, como vimos, a autenticidade de um escrito antigo só pode ser julgada em têrmos do que afirma por si mesmo, nunca do que outros afirmam por êle. De outra maneira poder-se-ia partir do pressuposto que o Livro de Mórmon foi escrito por um caçador esquimó, por um pescador das ilhas Célebes ou por um fazendeiro de Nova York e daí começar a procurar qualquer coisa em suas páginas que pudesse confirmar a teoria. Isto não serve porque as evidências literárias podem sempre ser inventadas, mesmo inconscientemente, por um intérprete engenhoso e dedicado. Então, o que é o Livro de Mórmon, segundo sua própria afirmativa?

Primeiro de tudo, o Livro de Mórmon *não é* uma história das dez tribos, como muitos críticos supostamente capazes imaginaram; *não é* uma história dos índios, mas apenas de alguns parentes remotos seus vivendo numa época distante com uma cultura totalmente diferente; *não* descreve ou designa qualquer povo antigo, civilização ou indivíduo *conhecido* no Hemisfério Ocidental e nem menciona qualquer local, cidade ou território reconhecido no Nôvo Mundo, sendo que até mesmo Cumorah recebe apenas reconhecimento limitado e sòmente por santos dos últimos dias. Estranhamente, quase tôda a crítica do Livro de Mórmon no passado, quer favorável ou não, baseou-se em uma ou mais destas suposições falsas. Todos dispenderam suas fôrças examinando não o que o Livro de Mórmon afirma por si mesmo, mas apenas o que outros afirmaram por êle.

Por outro lado, o livro menciona cidades e territórios *conhecidos* no Velho Mundo — (Não há dúvida quanto à localização de Jerusalém e do Mar Vermelho.) Fornece datas específicas em têrmos de cronologia absoluta — um auxílio tremendo para qualquer investigação séria. Menciona indivíduos, povos e civilizações bem conhecidas no Velho Mundo; explica completamente o fundo cultural dos seus autores no Velho Mundo, descrevendo como aquela cultura foi transplantada para uma nova terra com certas mudanças em decorrência. Indica as tradições literárias e lingüísticas de seus autores e menciona como os migrantes consideravam sua própria situação, zelosamente preservando as suas tradições e sempre conscientes da cultura geral, perene, do Oriente Próximo, do qual surgiram.

Os autores do Livro de Mórmon explicam cuidadosamente que estão escrevendo uma história muito especializada, confinando sua atenção aos atos de um grupo religioso particular e numèricamente sem importância, cujas tradições peculiares êles vão buscar em uma longa linha de profetas messiânicos que costumam procurar refúgio juntamente com seus seguidores nos desertos da Judéia.

A quem, então, deve o Livro de Mórmon ser submetido para crítica? É claro que aos que hoje em dia estão lidando com os documentos que contêm as chaves tanto da história cristã como judaica.

Recentemente um jornal protestante de ampla circulação informou com evidente satisfação que não existe um "arqueólogo não-mórmon que afirme serem os índios descendentes dos judeus ou que o cristianismo era conhecido no Nôvo Mundo antes de Colombo."[43] Não é de surpreender. Durante anos temos salientado que tais resultados são de se esperar enquanto as pessoas insistirem em procurar as coisas erradas nos lugares errados. Como poderia um arqueólogo esperar provar "que os índios descendem dos judeus ou que o cristianismo era conhecido no Nôvo Mundo antes de Colombo"? Recentemente um dos arqueólogos mais importantes do mundo escreveu o seguinte: "A primeira coisa que precisa de ser lembrada, é o fato... que a evidência material produzirá resultados materiais. Ninguém pode, através de evidência arqueológica, informar-se a respeito das idéias, crenças e aspirações do homem. Não se pode compreender o que suas obras de arte ou de artezanato significaram para êle... sem uma palavra escrita e detalhada não se pode ter conhecimento algum de sistemas políticos ou sociais, de códigos de ética ou de leis..."[44] Resumindo, é para a palavra escrita que devemos nos dirigir para pôr à prova o Livro de Mórmon, especìficamente àquela mesma literatura de cuja origem comum afirma ter surgido.

E aqui nos encontramos em situação difícil. O geólogo pode comunicar informação compreensível ao mais ignorante auditório, mostrando-lhe um pedaço de rocha e falando a respeito; um botânico pode nos dizer algo importante a respeito de uma planta que jamais vimos antes; até mesmo conceitos matemáticos elevados podem ser transmitidos aos ignorantes do assunto por um professor capaz, e é possível aprender-se algo básico a respeito das

estrêlas na primeira vez que se ouve um astrônomo falar sôbre elas. Mas um manuscrito antigo não significa *absolutamente nada* para uma pessoa que ainda não estabeleceu uma base ampla e sólida de conhecimento de sua língua.

Tôdas as discussões sôbre os facsímiles da Pérola de Grande Valor, por exemplo, logo acabam em nada porque os que disputam, absolutamente não discutem o texto, mas simplesmente lançam nomes e "autoridades" uns aos outros. É como se um grupo de cegos, após lerem em Braille os escritos de vários eminentes críticos de arte, se empenhassem em caloroso debate a respeito dos méritos relativos de certos pintores; ou como se um surdo-mudo, após ler trabalhos sôbre musicologia pretendesse comparar a beleza de várias composições. Tal nível de discussão é possível, mas não tem sentido algum. Quando começamos a discutir assuntos literários, históricos e religiosos, cujo conteúdo é tirado de textos que não podemos ler, não estamos falando nada a respeito do assunto, mas simplesmente comparando opiniões alheias.

A pista para identificar e compreender os velhos textos judaicos e cristãos é o fato de que êles "se suprem em um reservatório comum de terminologia e de idéias."[45] Quando nos dizem que "pràticamente todos os comentaristas se espantaram diante da semelhança entre a forma do texto dos manuscritos e o do Nôvo Testamento e êsse é o aspecto mais fenomenal de tôda a descoberta"[46] ou que "reflexos dos pensamentos e da fraseologia do Nôvo Testamento são claros nos pergaminhos; especialmente aquêles que têm associações apocalípticas,"[47] somos forçados a compreender que neste campo de estudo "palavras e frases chaves servem de índice para o pensamento."[48] A tradução destrói tôdas as pistas.

As alvissareiras esperanças de alguns anos atrás, de que logo teríamos tradutores eletrônicos, hoje foram destruidas por alguém que é geralmente reconhecido como uma das maiores autoridades mundiais em tradução mecânica. Yehoshua Bar-Hillel declara: "A máquina nunca será capaz de produzir tradução perfeita de trabalhos científicos ou técnicos (sem dúvida os mais fáceis de traduzir) pelo motivo de que a relação entre uma língua e as idéias que procura transmitir absolutamente não são simples e diretas. O significado preciso de uma sentença freqüentemente só se torna compreensível em seu contexto, que o leitor precisa de entender e que a máquina jamais poderá compreender... quanto mais cedo compreendermos que a perfeita máquina tradutora é uma ilusão, mais depressa poderemos voltar nossa atenção para a busca de um aperfeiçoamento real em comunicação lingüística."[49]

Mais recentemente a mesma autoridade, juntamente com J. Wiesner, declarou que "o tradutor humano... precisa freqüentemente de usar conhecimento extra-lingüístico que algumas vêzes tem de ser de considerável amplitude e profundidade."[50] Isto elimina a máquina como assistente sério ou como competidor, pois cada palavra de um antigo texto religioso está carregada de associações extra-lingüísticas. Se alguém jamais tivesse produ-

Use êste cupon para RENOVAR SUA ASSINATURA OU PRESENTEAR UM AMIGO COM A LIAHONA

A LIAHONA

Assinatura por um ano
Cr$ 3.000

Rua Afonso Braz, 464 - São Paulo

Nome _____

Endereço _____

Zona Postal _____ Cidade _____ Estado _____

OBSERVAÇÕES: — 1) Certifique-se se no seu endereço há entrega postal.
2) Não nos responsabilizamos pelas entregas postais.
3) Envie cheque visado, pagável na praça de São Paulo.
4) Se você é membro de ala não nos envie êste cupom, mas procure o nosso representante em sua capela.

zido algo parecido com uma tradução perfeita, então poderíamos planejar uma máquina para repetir o processo. Contudo, isto nunca foi feito porque nem siquer podemos imaginar uma tradução perfeita. O próprio conceito nos escapa.

Uma tradução perfeita precisaria transmitir, sugerir, relembrar e suprimir as mesmas coisas (nem mais, nem menos) na mente de seu leitor que o texto original faz a quem o lê; teria que trazer imagens idênticas às mentes dos dois leitores. Mas a única razão pela qual precisamos de uma tradução é que os dois leitores não vivem no mesmo mundo e conseqüentemente não têm as mesmas imagens. Uma palavra que designa até mesmo coisas simples como uma casa ou uma árvore, sugere figuras diferentes para pessoas que vivem em lugares diferentes do mundo e é o gênio de uma língua que há de trazer à mente imagens, situações, sentimentos e lembranças peculiares da cultura que a produziu e não de outra. Uma língua produz quase automàticamente uma semelhança fotográfica de uma cultura apenas.[51] Se tentarmos mudar ou substituir as fotografias, tôdas as espécies de explicações ou esclarecimentos serão necessários e é por isso que tôda tradução que se esforça por ser exata tem de incidir continuadamente em notas explanatórias. Assim é que aprendemos uma língua, não a fim de sermos capazes de traduzir, mas porque existe tanta coisa naquela língua que nunca pode ser traduzido.

O nosso objetivo, deve-se lembrar, são os tesouros escondidos e a própria terra não é muito mais eficiente em ocultar antigas mensagens do que a convenção lingüística na qual são trazidas. Na realidade, parece que uma grande parte dos registros recém-descobertos é escrita, por assim dizer, em código.

*Estas páginas, que são da edição em inglês, correspondem respectivamente às seguintes páginas em português: 1, 35, 55, 79, 104, 125, 492, 516, 548, 571, 596 e 620. / *Continua no próximo mês.*

NOTAS

24. K. W. Clark, in Davies e Daube, op. cit. pág. 30, 31, 42.

25. C. C. McCown, in *Journal of Biblical Literature*, 75, pág. 12.

26. C. L. Mitton, in *Expository Times*, 71(1960) pág. 337.

27. W. F. Albright, *Archeology of Palestine*, pág. 240.

28. W. Schneemelcher, *Neutestamentliche Apokryphen* (Tübingen; Mohr, 1959) I, 48.

29. Mitton, op. cit. pág. 339.

30. C. H. Dodd, in Davies e Daube, op. cit. pág. 75.

31. Schneemelcher, op. cit. pág. 339.

32. Mitton, loc. cit. Até 175 A.D. havia cristãos que não aceitavam nenhum escrito que levasse o nome de João. Schneemelcher, I, II.

33. Schneemelcher, op. cit., I, 44. Os esforços de Marcion e Taciano para unir os três evangelhos em um, foram baseados na suposição de que (1) os evangelhos eram apostólicos, mas (2) que tinham sido submetidos à manipulação humana falível. Ibid. I, 11-12.

34. Eusébio, *História da Igreja*, V 25; Schneemelcher, op. cit. I, 9. Havia a princípio uma tendência para canonizar qualquer coisa que tivesse sido escrita pelos apóstolos e logo a de atribuir aos apóstolos tudo o que se quisesse canonizar, quer tivesse sido escrito por êles, quer não.

35. Ibid. I, 12: O cânon desenvolveu-se "vagarosamente nas várias coleções das... igrejas provinciais separadas." Em meados do século II os quatro evangelhos ainda não haviam tido aceitação geral, absolutamente. Ibid. pág. 11.

36. Ibid. I, 8: foi entre 70 e 80 que um *Ersatz* escrito tomou o lugar das originais "expressões orais." Os próprios apóstolos escreveram pouco; seu testemunho foi fixado por escrito apenas após sua partida. Ibid. pág. 9. Isto concorda com Eusébio em *História da Igreja*.

37. Irineu, *Contra os Hereges*, I, 27, 4. Eusébio loc. cit.

38. Schneemelcher, op. cit. I, 9, 46 chama os evangelhos "um *Ersatz* para os relatos falados." pág. 8. A palavra *evangelion* (evangelho) mostra isto, já que indica pròpriamente "algo não-literário: uma mensagem alegre entregue pela palavra oral,", ibid. 41; significa especificamente "uma mensagem oral" ibid. pág. 42.

39. Ibid. I, 46-47.

40. O *Ersatz* foi providenciado porque era algo muito mais próximo do desejo do coração. H. Nibley, in *Church History*, 30(1961), págs. 3-4.

41. F. Kirkham, *A New Witness for Christ in America* (Independence, Mo.: Zion's Printing and Publishing Company, 1947) págs. 129-137.

42. Ver nosso "Mixed Voices" na revista *"The Improvement Era,"* 62(1959) pág. 145 e edições subseqüentes.

43. *Christianity Today*, 8(28 de agôsto de 1964) pág. 42.

44. S. Piggott, *The Dawn of Civilization* (New York: McGraw-Hill, 1961) pág. 15.

45. W. Albright, in Davies e Daube, op. cit. pág. 169.

46. J. Roberts. *Zeitschrift für Altestamente Wissenschaft*, 62(1950) pág. 230.

47. Ibid. pág. 241.

48. L. J. Liebreich, in *Jewish Quarterly Review*, 46, pág. 273.

49. F. M. Cross, in *The Biblical Archeologist*, fevereiro de 1954, pág. 16.

50. Citado por R. See in *Science*, de 8 de maio de 1964, pág. 621. A primeira citação é do *Die Zeit*, sem data.

51. C. S. Coon *The History of Man* (Nova York: Knopf, 1962) págs. 18-19.

●

"... que a virtude adorne os teus pensamentos incessantemente..." D&C 121:45.

O sucesso é medido em têrmos de preparação para a eternidade. A. J. Cronin

Nossa alma é matizada segundo a côr dos nossos pensamentos.

A necessidade de amor nos causa mais dano do que a necessidade de conhecimentos. B. Franklin

Mãe: "Você agradeceu a dna. Laura pela festinha que ela deu?"

Menina: "Não, mamãe. A menina que saiu antes de mim agradeceu, mas dna. Laura disse, 'Oh, não diga isso!', então eu não disse."

ANUNCIE NAS PÁGINAS DE A LIAHONA

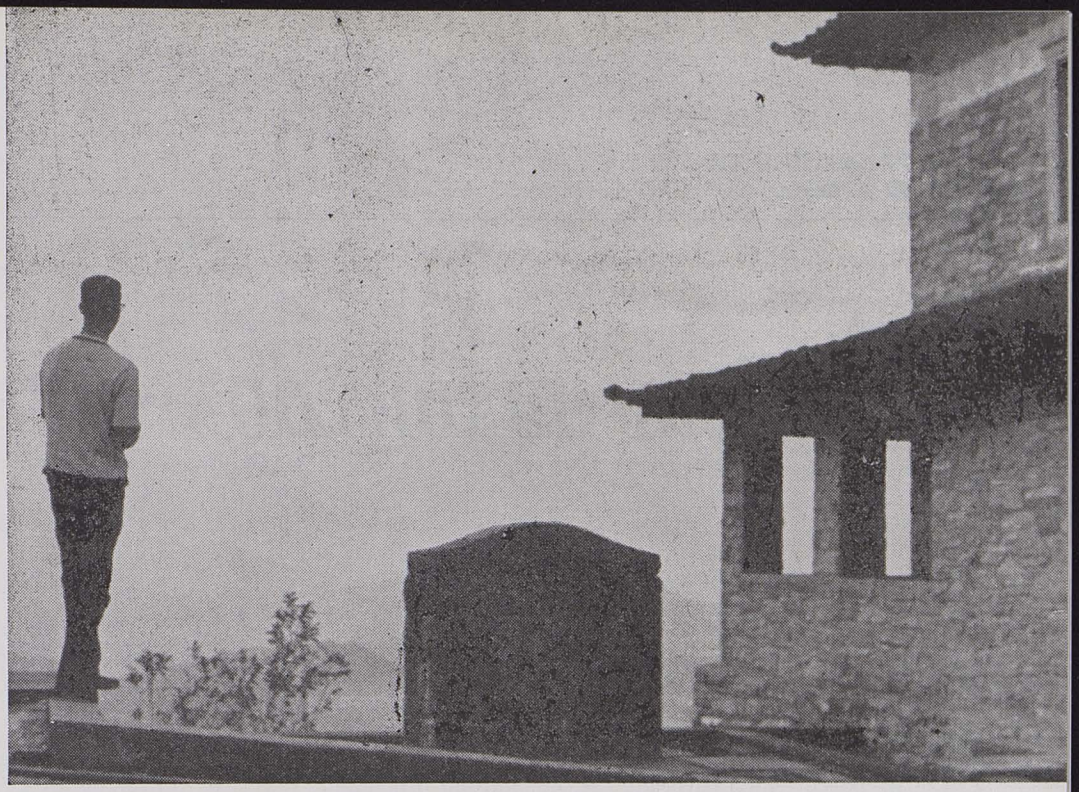


Foto de
Rui M. Bronze

Jóias do Pensamento

DUAS ESPÉCIES DE LIBERDADE

Richard L. Evans

Duas palavras inseparàvelmente associadas nos vêm à mente: liberdade e lei. A falta de respeito à lei é incompatível ao legado de nossos pais — ao patrimônio que Deus nos oferece. A negligência dessas leis é incompatível com uma sociedade sã e bem formada, sólida e próspera. Mencionamos antes que Deus não revogou os mandamentos ou as leis básicas da vida, nem homem algum as pode revogar. As leis de causa e efeito estão sempre em vigor. Em certo registro antigo lemos a respeito de alguém que foi chamado a ser "... juiz supremo e governador sôbre o povo, com a solene promessa e ordenança de que governaria com justiça e manteria a paz e liberdade do povo, garantindo-lhe seus sagrados privilégios de adorar ao Senhor, seu Deus... e julgando os iníqüos de acôrdo com a gravidade de suas transgressões."[1] Estas são palavras profundamente penetrantes: governar com justiça, manter a paz e liberdade do povo, garantir-lhe o direito de adorar ao Senhor seu Deus... e julgar os criminosos de acôrdo com a gravidade de suas transgressões. Todo aquêle que encoraja a anarquia ou se torna indiferente à falta de leis, já falhou na consideração da lei de causa e efeito. "A única estrada que conduz à liberdade," disse Thomas O'Shaughnessay, "é por meio da obediência."[2] "Há duas espécies de liberdade," disse Charles Kinsley, "a falsa, quando se é livre para fazer o que quiser, e a verdadeira, quando se é livre para fazer o que se deve."[3] Em certo sentido, poderíamos considerar a saúde como um direito divino, mas a não ser que vivamos as leis da saúde, certamente a perderemos. A felicidade é, em certo sentido, um direito divino, também. O intento de nosso Pai é, por certo, o de que todos os seus filhos tenham felicidade; não a conseguimos sem um certo esfôrço; não permaneceremos livres ao abusarmos da liberdade. E não sobreviveremos se violarmos a lei. Quando ignoramos qualquer lei, percebemos logo os resultados. E os que se vangloriam da lei, aquêles que encorajam o seu não cumprimento, estão prejudicando a liberdade, paz e prosperidade, a segurança e integridade da sociedade, muito mais do que poderíamos imaginar. "Sòmente os disciplinados são livres."[4] "Ó Deus, nosso Pai, autor da liberdade, a tí cantamos. Por nossa pátria pedimos-te a sagrada luz da liberdade. Protege-nos contra a maldade e concede-nos o que te rogamos, ó Deus grandioso, nosso Pai!"[5]

---

1. Alma 50:39.
2. Thomas O'Shaughnessay, *"Liberty and Freedom."*
3. Charles Kinsley.
4. J. C. Penney. (outras fontes também.)
5. Samuel F. Smith, *"America."*

QUARTO CAPÍTULO DA SÉRIE
"ENTÃO É DISSO QUE SÃO FEITOS OS MENINOS?"

A IDADE DO "EU"

(continuação)

por *W. Cleon Skousen*
Chefe de Polícia de Salt Lake City

Os fatos da vida

A maioria dos jovens pais presumem que quando seu filho atingir a adolescência, terão uma boa conversa com êle a respeito dos fatos da vida. E sentem-se reconfortados com a idéia de que essa ocasião está ainda muito distante. Isto explica a estupefação de um amigo nosso que estava há pouco tempo barbeando-se, quando seu brilhante rebento de 4 anos entrou no banheiro e disse: "Papai, como aparecem os nenês?" Nosso amigo disse que ainda bem que não estava usando navalha. Êle olhou a carinha inocente, voltada para cima e disse consigo mesmo: "Essa não, meu filho. Não ainda!"

Mas o doutor explica-nos que isto é muito normal. Que entre os três e os seis anos as crianças atravessam um genuíno despertar sexual e isto envolve tanto efeitos psicológicos como emocionais. É nesta idade que elas tornam-se muito curiosas a respeito de si mesmas, do sexo oposto e, eventualmente, a respeito do nascimento. Por êsse motivo, o médico sugere quatro regras:

1. Aborde o assunto com naturalidade.
2. Não diga demais e não excite curiosidade com respostas provocantes.
3. Empregue terminologia científica, quando se referir a processos fisiológicos.
4. Dê à criança a impressão de que você ficará satisfeito de discutir êste assunto, sempre que ela queira saber algo.

Existem bons livros ao alcance dos pais, sugerindo meios e formas de explicar êste aspecto importante da vida. Tôdas as autoridades concordam em que a abordagem simples e direta é a melhor.

Quando um garôto de quatro anos pergunta "de onde vêm os bebês," é simples curiosidade, que requer uma explicação simples. "Nenês? Êles saem de dentro das mamães dêles."

"Mas como os bebês crescem nas mães?"

"Êles crescem num lugar especial, que Deus fêz para os bebês crescerem. É um lugar quentinho e agradável, perto do coração da mãe."

Muitos meses mais tarde êle vai querer saber como o bebê entrou nesse lugar especial, e usualmente ficará satisfeito se lhe disserem que o nenê cresce de uma pequenina célula que já estava na mãe. Êle poderá voltar dentro de poucos meses, perguntando: "Mas como é que nasce o nenê?" E a menos que o garôto já tenha sete ou oito anos, é geralmente melhor dizer com simplicidade que é aberta uma passagem especial, quando chega a hora de o nenê nascer. No entanto, crianças mais velhas já compreenderão um cartaz ou ilustração mostrando a maravilhosa mecânica do nascimento humano.

Um belo dia aparece a pergunta sôbre o papel do pai. O fato de que o nenê só começa a crescer depois que o pai e a mãe partilham seu amor um com o outro é geralmente o bastante, para começar.

Foto de
Floriano P. da Costa

Mais tarde, um garôto já pode apreciar a naturalidade das relações maritais com a "mais elevada expressão de amor entre a mãe e o pai." Uma vez mais um livro com ilustrações será útil. Mas a terminologia deverá ser científica, de preferência à coloquial, e o assunto deverá ser tratado de forma casual, natural. Esta é sem dúvida a ocasião de se ressaltar para êle a santidade do corpo humano e a necessidade de mostrar respeito e amor para com a futura namorada a quem desposará algum dia, mantendo-se retraído e não partilhando de si mesmo com ninguém, até depois de seu casamento.

Com um pouco de previdência, todos êsses problemas poderão ser encaminhados de maneira delicada, porém altamente satisfatória para todos os envolvidos.

Retrato de um menino de cinco anos

Quando chega aos cinco anos, o júnior usualmente já descobriu que não precisa de lutar com seus pais para obter seu amor e atenção. Portanto, êle fica bem mais manso. Ainda uma vez a maré volta a baixar. Talvez êle chupe o dedo ocasionalmente — quando está sob tensão ou solitário — e pode até molhar a cama de vez em quando, mas seu apetite já estará melhor e a tendência de levantar-se no meio da noite e vagar pela casa usualmente desapareceu.

Esta é uma boa ocasião para assegurar ao júnior que êle é uma parte importante da família. Suas grandes alegrias são sair com os pais, brincar de luta, rolando pelo chão, e, de vez em quando, receber uma boa dose de Vitamina Amor. Êle ainda gosta de ganhar um colinho de sua mãe, como se fôsse nenê, mas êsses acessos geralmente não duram muito e o pequeno logo escapa correndo, com um nôvo senso de independência, que no caso quer dizer uma cálida sensação de segurança e confiança própria.

O criminoso psicopata

Em certas casas uma tragédia real ocorre durante esta fase, devido ao tratamento negligente ou desumano de um pequeno. Um pai fatigado, às vêzes dá a entender ao filho, através de palavras ou atos, que êle é um estôrvo. Quando uma criança tem a impressão de que não é querida ou desejada, pode causar sérias complicações a seus pais, a si própria e a tôda a comunidade. Esta é a origem da chamada "personalidade rejeitada."

Êsse tipo de pessoa atravessa a vida procurando vingar-se, para ficar quites. A grande maioria dos criminosos que povoam as cadeias e prisões são indivíduos assim, com cérebro e corpo normais, mas que estão em luta contra o mundo. Êles são hostis à vida e, portanto, tornam-se os piores inimigos de si mesmos. Sua estrutura psíquica deixa-os extremamente suscetíveis a "mecanismos de fuga," tais como alcoolismo e toxicomania. Êles são denominados criminosos psicopatas.

Submetidos a psicanálise, a maioria dêles reporta sua personalidade amarga, torturada, a um período da infância em que por algum motivo passaram a acreditar que eram rejeitados. Se isso tivesse sido corrigido ràpidamente, essas pessoas talvez não tivessem de atravessar a vida com a personalidade distorcida, atormentada e deformada.

As necessidades de uma criança durante a idade do "Eu" são, portanto, mais importantes do que muitos supõem. Negligência ou maus tratos nesta idade podem lançar os alicerces para sessenta e cinco anos de existência desajustada, com seu cortêjo de tristezas — embriaguês, divórcio, dissolução e crime.

Desenvolvendo uma Filosofia de Disciplina

Tendo já ressaltado a necessidade de amor e afeição, abordaremos agora a disciplina. Disciplina e amor são companheiras inseparáveis. Qualquer uma, sem a outra, é uma monstruosidade. Se existe um ponto fraco na estrutura da sociedade norte-americana que se destaca sôbre todos os outros, é nosso fracasso em implantar princípios sadios de disciplina. E isto aplica-se particularmente à família norte-americana.

Há pouco tempo, um renomado juiz começou a investigar porque muitos países europeus apresentavam índice tão baixo de delinqüência juvenil. Nesses países grassa a pobreza, os padrões de vida são baixos, o contágio para o crime está por tôda a parte e, no entanto, as famílias conseguem controlar seus filhos.

O juiz chegou à conclusão de que o fator mágico que possibilitava isso era a autoridade na família. Portanto, escreveu: "Que volte o pai a presidir sôbre a família." Isto não quer dizer que êle deva tornar-se um ditador — apenas faz dêle o presidente da firma. De acôrdo com esta concepção básica, outros princípios necessàriamente se aplicam:

1. Estabelecimento de normas de conduta razoáveis, por acôrdo mútuo.
2. Execução firme e persistente dessas normas.
3. Abundância de amor e afeição dentro dêsse esquema de disciplina.

Pergunta-se então como manter as atividades da família dentro dos limites estabelecidos. A experiência ensina-nos que só o amor já resolve noventa por cento dos casos. Mas e os restantes dez por cento? É aí que atingimos um vácuo cultural. Por mais de duas gerações foi defendida a idéia de que o amor deve também ser a cura para os que rompem as barreiras da família ou da sociedade. Mas as autoridades estão principiando a achar que foi aí que cometemos nosso êrro. Òbviamente algo está errado, pois é notório que o índice de criminalidade juvenil nos Estados Unidos atinge recorde mundial. E as autoridades começam a pedir aos pais que reconheçam que *disciplina significa freio* — restrição delicada, sempre que possível, e severa quando necessário. Durante aproximadamente duas gerações isto vem faltando no sistema de vida norte-americano e a sociedade principia a pagar agora um preço terrível.

Com êstes conceitos em mente, examinemos uma criança na idade do "Eu". Deve-se lembrar que durante a fase "irracional," de um a três anos, o pediatra recomendava que procurássemos deixar o barco correr meio à maneira do júnior, auxiliando-o a ganhar auto-confiança. Contudo, ao atingirmos a idade do "Eu," já afirma que se deve principiar a estabelecer normas razoáveis de conduta. Tudo parece muito simples, até que nosso rebento resolve de repente se rebelar contra as regras. Pecamos, então, ajuda a um competente psicólogo. Êle provàvelmente sugerirá algumas regras simples de disciplina *aplicada.*

1. Assegure-se de que a norma é razoável para um garôto daquela idade.

Foto de Rui M. Bronze

2. Providencie para que êle as compreenda e saiba que há uma penalidade para violações deliberadas.
3. Dê um ou dois descontos para um possível lapso de memória, mas advirta-o quanto às próximas.
4. Se outra violação ocorrer logo após, *sempre* aplique a disciplina esperada.

E as palmadas?

A dúvida seguinte é se a disciplina familiar deve ou não incluir umas antiquadas palmadas, de vez em quando. Cada vez maior número de pais estão descobrindo as extraordinárias qualidades terapêuticas desta medida. Se fôrem empregadas, eis algumas sugestões:

1. Reserve-as para ocasiões excepcionalmente sérias.
2. Assegure-se de que a criança saiba porque está sendo punida.
3. Que a punição seja aplicada no local que a Mãe Natureza parece ter destinado a êsse fim.
4. Mantenha suas próprias emoções sob contrôle, para que as palmadas não sejam abusivas ou fortes demais.

Não se recomenda o uso de beliscões ou bofetadas. Enquanto que umas merecidas palmadas relaxam as tensões, beliscões ou bofetadas aumentam-nas.

Perfil dos cinco anos

Antes de ultrapassar esta idade, resumamos ainda alguns detalhes. Fìsicamente, o garôto é equilibrado. Êle apega-se muito à mãe e raramente vai brincar no vizinho, como gostava de fazer aos quatro anos e meio. Tem consciência de tantas coisas novas, que sofre pesadelos a respeito de animais ou "homens maus." Mesmo à luz do dia, tem mêdo de que algo aconteça à sua mãe, mas sente-se reconfortado com a presença de um animalzinho de pelúcia. Conquanto ainda esteja na fase do "Eu", êle esforça-se muito para ser "bonzinho" e agradar sua mãe. Sua boa disposição para fazer amigos e dar-se bem com os outros faz com que esta seja a idade adequada para começar o jardim-da-infância. Nesta época, geralmente, o ajustamento é suave.

Retrato de um garôto de seis anos

Nós que já nos habituamos aos altos e baixos do desenvolvimento humano, calculamos que os seis anos devem ser um outro período dinâmico. E são! De fato, esta fase do crescimento principia com um cordeiro e acaba com um leão. A transição dos cinco para os seis anos é suave, mas logo começamos a notar algumas mudanças bem rápidas. O júnior perde os dentes de leite e os primeiros molares permanentes aparecem. A composição de seu corpo se altera. Ela torna-o muito frágil durante algum tempo e bastante suscetível a doenças infecciosas. Em questões de comportamento, suas tendências são extremadas. Às vêzes êle age como um bebê chorão — mas pode desatar numa gargalhada em meio a uma boa b'rra. Em qualquer jôgo ou concurso êle tem sempre que levar a melhor. É mau perdedor e briga por qualquer coisa. Também muda freqüentemente de estado de ânimo. Êle vive num mundo de extremos tais, que demonstra o tempo todo como o ser humano é um "feixe de opostos" — esperança e mêdo, alegria e dor, egoísmo e altruísmo, colaboração e preguiça.

O pequeno de seis anos é fàcilmente amedrontável. Êle tem muitos temores imaginários e pouca tolerância para filmes de "horror" ou histórias bizarras. Para dormir, êle pode querer uma lanterna debaixo do travesseiro ou a porta do quarto entreaberta, deixando ver a luz da sala.

Como o menino já deve estar na escola por esta época, podemos esperar alguns problemas de comportamento. Êle talvez pertença ao grupo dos mandões, que dão ponta-pés, mordem, brigam, falam palavrões, empurram, puxam cabelos, arranham e lutam. Por outro lado, se fôr um garôto retraído, que fica aterrorizado com os companheiros mais agressivos, é importante protegê-lo de cicatrizes emocionais profundas. Quando já estiver com oito anos, será mais fácil para êle fazer valer os seus direitos.

Aos cinco anos o júnior era usualmente o filhinho da mamãe. Agora já procura também a atenção de seu pai. Gosta de passear de carro com êle, ir fazer compras ou dar um recado. Por princípio, êle recusa-se a cumprir qualquer obrigação sòzinho, mas usualmente trabalha como um mouro se seu pai está junto. O menino de seis anos é muito dependente de orientação. Como não tem freios dentro de si mesmo, a disciplina imposta pelos pais ou na escola fá-lo sentir que seu mundo é organizado. Quando está mal-humorado, fica constantemente cabisbaixo. Nós nos acostumamos tanto com sua proximidade neste período, que sentimos enorme falta dêle quando, de repente, começa a voar com suas próprias asas, aos oito anos, passando para a fase seguinte. Sem que o notemos, o júnior terá iniciado um ciclo de desenvolvimento completamente nôvo.

Nosso artigo seguinte versará sôbre o "Período quente e frio". Êsse estágio inclui os anos críticos que vão dos sete aos doze.

O primeiro caso ocorreu há meses atrás, quando fomos procurados por uma irmã solicitando auxílio para a família que atravessava um período de aguda necessidade. Família grande, filhos desempregados, o marido ganhando pouco — uma situação que exigia, na sua opinião, ação imediata sob a forma mais urgente possível: dinheiro para atender à carência mais premente e depois um emprêgo bom para cada membro da família.

Indagando das habilitações dos filhos, fiquei sabendo que, embora bem preparados com ginásio, curso normal e datilografia, só tinham encontrado empreguinhos sem expressão, como caixeiros de lojas e, como fàcilmente se poderia compreender, não estavam dispostos a se venderem por tão pouco.

O que tornava a situação particularmente grave, era que as dificuldades financeiras já começavam a afetar-lhes a fé e tinham-se tornado inativos na Igreja e até mesmo desobedientes aos mandamentos de Deus. Angustiada, aquela mãe nos procurava com a esperança de que, se pudéssemos conseguir boa colocação para seus filhos, êles voltariam, talvez, ao seio da Igreja.

O outro caso, igualmente ilustrativo, aconteceu também há algum tempo conosco, durante a visita que fizemos a uma família de membros fiéis da Igreja. Conversávamos sôbre algumas reformas e aperfeiçoamentos necessários na capela do ramo que freqüentavam. Caras como andam as obras hoje em dia, o orçamento pareceu astronômico àqueles irmãos e até mesmo considerando que receberiam provàvelmente 80% de ajuda da Missão, a parte restante a ser levantada pelo ramo ainda assombrava os membros. Foi então que ouvimos aquela frase que está na mente de muitos irmãos que não ousam manifestar-se muitas vêzes: "Mas *êles* são tão ricos... será que não poderiam pagar a conta inteira?"

Êles são tão ricos!... Eis aí a arma secreta, o argumento satânico de que o adversário lança mão para comprometer o testemunho dos santos e paralizar-lhes a ação.

Êles, quem? Os líderes da Igreja? Os membros americanos, talvez? Quem foi que disse isso? Quem conhece a vida que levam os irmãos nos Estados Unidos?

Felizmente, tivemos oportunidade de visitar Sião há algum tempo e conviver com os ex-missionários da Missão Brasileira e seus familiares e podemos ajudar os irmãos a compreender um pouco melhor o espírito do Povo Escolhido, bem como a sua verdadeira riqueza.

Um daqueles jovens missionários que nós conhecêramos aquí no Brasil, sempre impecàvelmente vestido pregando o evangelho, encontramo-lo novamente em sua terra. Agora casado, vivendo num pequeno e modesto apartamento, terminava seus estudos universitários. Como a família de seus pais não é rica e até hoje luta para alimentar, vestir e educar os outros três filhos (todos adotivos, porque o casal não recebeu de Deus essa bênção, ou essa "carga," como alguns pensam entre nós), aquêle missionário trabalhava parte do dia para conseguir o suficiente para seus estudos, alegre e honrosamente empenhado nas funções de... caixeiro de uma loja de departamento da cidade de Lago Salgado.

Noutro balcão da mesma loja, os freguêses são atendidos, quando desejam comprar balas, bombons e guloseimas, pelo "rico" filho do "abastado" ex-presidente de uma das maiores missões da Igreja na América Latina.

Trabalhando numa das "caixas" daquele mesmo estabelecimento, encontramos mais um dos ex-missionários do Brasil e certa feita presenciamos o trabalho de alguns jovens descarregando um caminhão e instalando balcões novos em um estabelecimento bancário: eram "milionários" que se divertiam em ganhar dinheiro para prosseguir em seus estudos universitários, permitindo, assim, que seus pais tivessem de sobra... para sustentar outros irmãos em missões no estrangeiro.

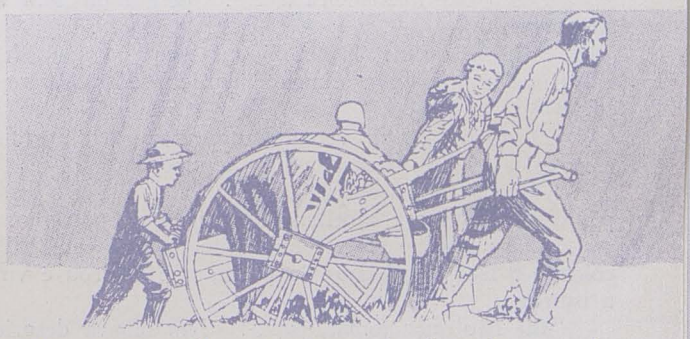
Poderíamos alongar-nos por páginas e páginas, contando, por exemplo, de outro dêsses "ricos" irmãos, que se levanta diàriamente às 3 da madrugada e, no caminho para o seu serviço regular, vai distribuindo jornais pelas bancas, para manter espôsa e filhos enquanto termina os estudos; ou daquele dedicado amigo, em cujo apartamento pobre (até para os mais modestos padrões brasileiros) almoçamos, servidos pela jovem espôsa que esperava o primeiro filho e o doutorado para o marido; ou ainda do carro velho e da casa inacabada daquele querido irmão, pai de 8 rapazes e 2 moças que, para mandar todos os moços para a missão, nunca pôde concluir a construção da casa nem renovar os carros que lhe são absolutamente indispensáveis para o trabalho cotidiano.

Êles são tão ricos... a moeda é tão forte! Por que não nos ajudam mais?

Que parece isso, senão que somos um povo de pedintes, afeitos à vida mansa, desfibrados e desmoralizados, que estende a mão e o chapéu para a esmolinha que possibilite prosseguirmos na indolência?

Êles São Tão Ricos!...

Hélio da Rocha Camargo



Não, irmãos. Êles não são mais ricos do que nós podemos ser. A sua fortuna reside no seu espírito de trabalho e sacrifício. A sua prosperidade alicerça-se em esfôrço, amalgamado com suor e dedicação.

Como membro da Igreja no Brasil, devemos honrar as tradições nacionais de orgulho e probidade. Nunca fomos e nunca seremos uma nação de mendigos pedinchões. O que está construído em nossa terra devemos ao honrado esfôrço de nossos antepassados e não podemos desonrar-lhes a memória. Ou estaríamos de acôrdo com o poeta irônico que dizia: "A terra que já deu tantos gigantes produz agora lesmas e minhocas"?

Êles são tão ricos... É verdade. Êles são ricos de fé e testemunho, de amor ao próximo e dedicação ao trabalho, de testemunho e humildade. Peçamos-lhes essas

(continua na pág. 21)

MEU CANTINHO

Golden Boy, o potrinho

CAPÍTULO II

Evelyn Cox

Resumo: *O presente de décimo aniversário de Tim Mason foi um potrinho de sangue árabe, que estava enfêrmo; o menino tinha certeza de que o potrinho, que êle chamou de Golden Boy, poderia ficar bom. Posteriormente, seu pai avisou que o potrinho estava perdendo pêso e que não poderia erguer-se o bastante para mamar na égua.*

"Posso dar mamadeira a êle?" perguntou Tim ansiosamente.

"Acho que sim. Temos alguns bicos de mamadeira extra que usamos para alimentar cordeiros órfãos," replicou o pai.

"Depois do jantar vou procurar uma garrafa grande e veremos se êle mamará," disse a mãe de Tim.

A família tôda acompanhou Tim ao curral; êste passou por cima da cêrca e ajoelhou-se ao lado do potrinho.

"Vem, Golden Boy, tomar leite quente, vem." Tim colocou o bico nos beiços do potro, que cheirou e virou a cabeça.

"Êle não quer tomar, papai!" Tim olhava desorientado para o pai.

"Olhe, abrirei as mandíbulas dêle e você lhe enfiará a mamadeira na bôca." O pai de Tim puxou o queixo do potro para baixo e o menino enfiou-lhe a mamadeira na bôca. No momento seguinte, o animal mamava esfaimado na garrafa de leite.

Quatro vêzes por dia Tim trazia uma garrafa de leite quente para Golden Boy, mas o potrinho continuava a perder pêso e suas pernas não se fortaleciam. Poucos dias depois o pai de Tim disse: "É melhor levarmos o potro à cidade, para ser examinado por um veterinário."

Mark ajudou o pai a colocar Golden Boy na camioneta e Tim subiu e sentou-se ao lado do animal.

"Temo que nada se possa fazer por êle," disse o dr. Roberts. "Parece-me que tem uma doença nas juntas e os animais raramente se recuperam disso."

"Não há nada que se possa fazer?" suplicou Tim.

"Uma injeção de penicilina poderá ajudar, mas se fôr mesmo doença nas juntas em desenvolvimento, não tenha esperanças," replicou o dr. Roberts, dando um tapinha no ombro de Tim.

O veterinário entrou em sua sala e voltou com uma enorme agulha. Tim virou a cabeça para não ver o médico injetar o remédio.

Nos dias que se seguiram o potro pareceu melhor, embora ainda não pudesse levantar-se. Tim havia estado tentando ajudá-lo a levantar-se, quando teve uma idéia. Correu à horta, onde o pai estava irrigando; sem fôlego, falou: "Papai, sei como fazer para que Golden Boy tenha mais exercício. Êle tenta levantar-se, mas suas pernas trazeiras são muito fracas. Por favor, venha comigo e deixe-me mostrar-lhe."

O pai de Tim enfiou a lâmina da pá na terra úmida e acompanhou Tim. Êste conduziu o pai em direção à garagem, onde cresciam duas oliveiras russas lado a lado.

"Vê êstes galhos?" apontou Tim para um galho em cada árvore.

"Sim," respondeu o pai.

"Poderemos colocar uma trave ligando um galho ao outro. Poderemos então passar uma corda por cima, no meio da trave, de modo que ambas as extremidades fiquem penduradas. Poderemos fazer um cinto, algo como uma rêde, para passar sob a barriga de Golden Boy. Amarramos uma ponta da corda no cinto e puxamos a outra ponta, levantando-o."

"Você teve uma boa idéia, filho. Se pudermos manter o potro de pé muitas vêzes por dia, o exercício poderá fortalecer suas pernas. O cinto ajudaria a suportar o seu pêso. Veja se sua mãe tem um pedaço de lona, enquanto eu vou apanhar uma trave e uma corda."

Tim correu para casa e irrompeu na cozinha onde sua mãe estava passando roupa.

"Mamãe, a senhora tem um pedaço de lona?" E contou-lhe seu plano para fazer Golden Boy firmar-se sôbre as pernas.

"Sobrou um pedaço de lona com a qual eu forrei minha tábua de passar na semana passada." Foi ao quarto de despêjo e voltou com o retalho.

Logo depois o pai de Tim já tinha aprontado o cinto. Mark ajudou a trazer o potrinho. Puseram o cinto de lona sob sua barriga e o amarraram à ponta da corda que pendia da trave. O pai de Tim puxou a outra ponta da corda e, vagarosamente, Golden Boy foi levantado até ficar em pé.

"Deu certo! Deu certo!" gritou Tim.

Golden Boy ficou sôbre as suas trêmulas pernas suportado pelo cinto que lhe passava pela barriga. Tim carinhosamente esfregou as pernas reumáticas e puxou o potro para a frente forçando-o a dar alguns passos.

"Papai, poderíamos deixar Golden Boy num canto da garagem? Seria mais fácil para cuidar dêle. Eu arranjo um pouco de palha para êle ficar em cima."

"Se você prometer manter a garagem limpa, pode arranjar um lugar ali para êle," replicou o pai.

Todos os dias, Mark ou o pai ajudavam Tim a colocar o cinto em Golden Boy e a erguê-lo sôbre as pernas. Todos os dias Tim carinhosamente esfregava as pernas do potro e o fazia andar um pouquinho.

A despeito de todo o cuidado do menino, o potro continuava a perder pêso.

Certa manhã, quando Mark tinha ajudado Tim a levantar Golden Boy para o exercício e massagem, notou um inchaço na junta de uma das pernas trazeiras. Tim correu a chamar o pai.

"O que é, papai?"

"Temo que seja o mal das juntas que o dr. Roberts falou." Suas mãos carinhosamente apalparam o inchaço.

"Por favor, papai, vamos levá-lo ao dr. Roberts para outra injeção de penicilina. Tenho o dinheiro para pagar. Por favor, papai." As lágrimas enchiam os seus olhos ao pedir.

"Eu o levarei, mas acho que não vai adiantar nada. Vamos colocá-lo no porta-malas do carro. Será uma viagem mais confortável para êle."

Tim dobrou a manta de cavalo e colocou-a no porta-malas. Mark ajudou o pai a colocar o potro lá. Amarrou a porta de modo que ficasse um pouco aberta para que o animal pudesse respirar.

Tim correu até a casa e apanhou sua velha carteira de couro na gaveta do armário. Correu de volta ao carro e subiu com os irmãos e o pai.

Logo que o dr. Roberts examinou a perna de Golden Boy, balançou a cabeça e disse: "É o mal das juntas, mesmo. As probabilidades de recuperação são muito poucas. Sinto muito."

"Por favor, dê-lhe um pouco de penicilina. Ajudou antes. Tenho dinheiro para pagar-lhe." Tim sacou do bôlso a velha carteira.

O médico foi apanhar a penicilina. Depois de ter dado a Golden Boy o remédio, Tim abriu a carteira e contou o dinheiro. "Quero pagar-lhe com meu próprio dinheiro," disse.

Depois de terem trazido Golden Boy para casa, tirá-lo do porta-malas e colocá-lo sôbre a cama de palha na garagem, Tim disse: "Papai, vou pôr compressas na perna dêle. Lembra-se de quando eu caí da bicicleta, esfolei meu joelho e infeccionou?"

"Sim, lembro-me," respondeu o pai.

"Mamãe pôs compressas quentes no meu joelho e curou logo. O senhor acha que isso ajudará Golden Boy?" perguntou.

"Podemos experimentar," disse o pai.

Tim entrou na casa. "Mamãe," chamou, "a senhora tem um pouco daquele remédio que usou na água quando pôs compressas quentes no meu joelho?"

"Tenho, sim," respondeu.

"Quero pôr algumas compressas quentes na perna de Golden Boy."

Tim correu ao estábulo para apanhar um balde e enchê-lo de água quente. Sua mãe adicionou o remédio e deu-lhe uma velha toalha para usar. Tim sentou-se para aplicar pacientemente a compressa quente e úmida na perna de Golden Boy.

Entretanto, após três dias o inchaço na perna de Golden Boy estava maior ainda. E o potro não mais tomou todo o leite da garrafa.

Quando Tim veio alimentar Golden Boy às duas horas da manhã, ouviu o macio relincho que sempre o saudava. Pela primeira vez o potro recusou-se a tomar leite. Afocinhou Tim com o seu nariz macio, como para mostrar seu grande amor.

Tim pôs a garrafa no chão da garagem e sentou-se ao lado do potrinho, sôbre a palha, acariciando-lhe o pêlo macio e dourado. Após certo tempo, voltou para a cama e teve um sono irriquieto.

Foi acordado pelo brilho do sol no rosto. Surprêso, olhou para o despertador sôbre o armário. Oito horas! Havia dormido demais. Golden Boy estaria faminto. Já havia passado a hora da sua alimentação.

Tim pulou fora da cama e vestiu-se correndo. Lavou a garrafa e encheu-a com leite quente; correu à garagem. Suas mãos atrapalharam-se ao puxar o trinco para abrir a porta da garagem. Mas não ouviu o familiar relincho quando a porta se abriu. / *Conclui no próximo capítulo.*

●

ÊLES SÃO TÃO RICOS!...

(continuação da pág. 19)

coisas que, essas sim, nos têm faltado e então ponhamos as mãos à obra, assumindo as responsabilidades que nos cabem de edificarmos o Reino em nossa Pátria e ajudar os filhos de nosso Pai Celestial em outros rincões do mundo a obterem para si mesmos a mesma riqueza que então desfrutaremos.

Permita o Senhor que no futuro outros povos venham a dizer de nós também: *êles são tão ricos!...* referindo-se ao nosso amor à causa do Mestre, à nossa fé e operosidade em ajudar os irmãos em todo o mundo. Enquanto isso, vamos dar graças a Deus, porque *êles,* os queridos irmãos que vivem em Sião, são tão ricos em virtudes cristãs e nos amam tanto que mandam seus filhos para que nos ensinem as Verdades Eternas.

Deus vos abençôe, ricos irmãos.

Um emprêgo para Gustavo

Humberto de Andrade Silveira
Estaca São Paulo, Ala V.

Conto classificado em 3.º lugar no concurso literário.

O velho Pago foi enterrado mesmo ao pé do grande carvalho. Gustavo e o chofer de caminhão olharam pela última vez para aquela tôsca cruz e se afastaram lentamente. Gustavo deixou-se ficar para trás e, com as costas da mão, ainda sujas de terra, enxugou furtivamente as lágrimas abundantes. O chofer fingiu que não via e demorou um pouco mais que o necessário para guardar a pá no caminhão; depois subiu e tomou lugar ao volante. Gustavo, ainda olhando para trás, subiu lentamente, acomodando com alguma dificuldade suas compridas pernas na boléia estreita. O homem engrenou uma primeira, desfreiou o veículo e arrancaram estrada acima numa nuvem de poeira.

Bartolomeu levava quase todo mês uma coisa ou outra para o velho Pago. Sal e fósforos eram difíceis de se conseguir naquela região desolada. O velho Pago era quase auto-suficiente. Sabia fazer até pólvora para caçar. Desde que Bartolomeu, há doze anos atrás, substituira o chofer anterior da Geofarma, o velho Pago e sua cria se tinham tornado parte do cenário daquela estrada deserta e afastada da civilização. Bartolomeu não sabia se Pago era nome ou apelido. Não tinha idéia da origem etimológica daquele nome incomum; não tinha coragem de perguntar ao velho e tinha escrúpulos de perguntar ao menino.

O velho Pago era muito instruído. Havia ensinado Gustavo a ler e escrever. Havia ensinado muitas coisas interessantes ao menino. Quando Gustavo fazia uma pergunta o velho a respondia tôdinha até o fim. Às vêzes levava horas para responder uma pergunta de quatro palavras. Se Gustavo se desinteressava do assunto, o velho parava e ia fazer um serviço qualquer. Quase sempre Gustavo voltava ao assunto mais tarde.

O velho Pago tinha uma maneira tôda sua de ensinar as coisas. Na verdade, o que êle ensinava jamais era esquecido. Tudo isto passava pela mente de Gustavo enquanto o caminhão avançava sacolejando rumo à estrada federal. Êle se lembrava das muitas vêzes em que seu avô lhe dizia, interrompendo uma lição: "Isto é sabedoria, você tem meia hora para pensar." Depois dessas deixas o velho Pago se afastava e deixava o neto pensar por meia hora no assunto.

Quando um dia, Gustavo, ainda menino, resolveu derrubar uma colméia de maribondos, percebeu assustado que o velho Pago, de uma machadada, partira ao meio o seu boizinho de madeira favorito. Foi essa a primeira vez em que o velho falou em "Sabedoria." Nunca mais o menino afligiu a vida de insetos ou animais.

Os solavancos pararam e o caminhão entrou na estrada asfaltada. Ao anoitecer pararam para pernoitar num pôsto. Conhecidos de Bartolomeu, também motoristas de caminhão, estavam reunidos conversando perto da bomba de gasolina. Viram quando Bartolomeu desceu acompanhado pelo rapaz de 18 anos, alto, magro, desajeitado, um tanto nervoso por se ver no meio de tanta gente.

"É o neto do velho Pago, o finado Pago...", respondeu Bartolomeu à muda indagação dos amigos. Houve muitas perguntas e a tôdas Bartolomeu respondia pacientemente. Sim, havia morrido de mordida de cobra. Por casualidade o Bartolomeu havia passado lá na hora, a tempo de ouvir as últimas palavras do velho. Êste dissera apontando para Gustavo:

"Se êle quiser ficar aqui, deixe êle ficar. Se êle quiser ir com você para a cidade grande, deixe êle ir. Êle já está pronto para a vida e é um menino muito rijo."

Depois disso o velho havia dito a Gustavo:

"Meu filho, a última coisa que eu tenho para lhe dizer é esta: faça tudo até o fim. Isto é sabedoria. Você tem o resto da vida para pensar nisto mas, lembre-se bem, é muito duro e muito triste fazer uma coisa errada até ao fim."

A perna do velho Pago parecia um tronco prêto quando êle morreu.

Só depois que Gustavo agradeceu pela terceira vez e recusou a ajuda de Bartolomeu, foi que êste último compreendeu que o rapaz estava disposto a enfrentar a vida sòzinho mesmo. Enfiou algum dinheiro no bôlso dêle e afastou-se, dizendo:

"Isto é seu. Se precisar de mim me procura na Geofarma, no enderêço que lhe dei."

Afastou-se com relutância e prosseguiu sòzinho no caminhão, deixando Gustavo em frente à hospedaria.

Gustavo andou muitas horas pela cidade, olhando espantado para os grandes edifícios, as pessoas tão bem vestidas, os modernos automóveis e a contínua movimentação de carros e pedestres. As pessoas também olhavam com admiração aquêle rapagão alto e magro, vestindo roupas que pareciam ser de uma outra época. As botinas amarelas e o chapéu de palha é que mais chamavam atenção.

Na manhã seguinte, às 5 horas, Gustavo pulou da cama disposto a lutar com o mundo inteiro e vencer no primeiro golpe. Saiu carregando a sua trouxinha. Na rua já passavam ràpidamente operários que se dirigiam para as fábricas. Gustavo cotucou um dêles.

"Por favor, lá onde o sr. trabalha estão precisando de mais empregados?"

"Ora, não amole, já estou atrasado!" foi a resposta brusca do homem.

Gustavo deu um sorriso paciente e cordato e pôs-se a acompanhar com suas pernas compridas o afobado operário. Com um acento respeitoso repetiu a pergunta. O homem lançou-lhe um olhar enraivecido e não

respondeu. Gustavo tornou a repetir e o homem bruscamente parou e encarando o rapaz perguntou raivosamente:

"O que é que você quer, seu palhaço?"

Gustavo, sem se perturbar, repetiu pela quarta vez a pergunta. O homem parece que se desconsertou com a calma demonstrada e respondeu com outra pergunta:

"Meninão, por que você não compra um jornal e procura? Compre o Jornal Popular. Lá na fábrica não tem vaga não, tem é gente demais."

Virou-se ràpidamente e sumiu na multidão apressada. Gustavo agradeceu, mas o homem já estava longe.

Continuando a andar, o rapaz parou numa banca de jornais que estava abrindo. Pediu o Jornal Popular, ao que o jornaleiro informou:

"Só sai às sete horas."

Gustavo agradeceu e foi comer alguma coisa num bar próximo. Mais tarde voltou e sentando-se na calçada ao lado da banca de jornais, pôs-se a esperar pacientemente.

Quando o jornal chegou, Gustavo foi o primeiro a comprar. Ajudou até a desamarrar o pacote. Sentou-se novamente na calçada e pôs-se a ler. Depois de ler várias vêzes as páginas de "Empregos," decidiu-se por 4, e, tendo cuidadosamente recortado os anúncios, pôs 3 no bôlso e partiu para o primeiro. Alí mesmo no jornaleiro obteve indicações quanto ao enderêço. Tomou o ônibus indicado e, ao pagar a passagem ao cobrador, perguntou, para não perder tempo:

"Moço, por favor, por acaso o dono dêste ônibus não tem um emprêgo prá mim?"

O homem deu uma boa risada, acompanhado pelos passageiros mais próximos.

"Não rapaz, o dono dêste ônibus é uma Companhia com uma frota de mais de 200 carros. No momento não há vagas."

Gustavo passou a borboleta e sentou-se junto a um senhor gordo. Sem perda de tempo perguntou:

"Por favor, senhor, não haveria acaso uma vaga no seu emprêgo?"

Alguns passageiros riram bem alto, inclusive o cobrador. O gordo teve um sorriso complacente.

"Desculpe, amigo, sou médico e não lhe posso indicar nada no momento. O sr. sabe ler?"

"Sei, sr. doutor."

"Por que você não compra o jor..."

"Já comprei," interrompeu Gustavo, tirando o jornal dobrado de sua sacola. "Só que estou querendo pegar o pôrco com as duas mãos e as duas pernas."

O médico balançou a cabeça aquiescendo com gravidade. Gustavo sentiu uma pontada de orgulho por ver que a sabedoria do velho Pago era aceita até por um doutor.

Enfiando a mão no bôlso, o médico entregou um cartão a Gustavo, dizendo:

"Olhe aqui, se você não conseguir nada hoje, procure-me amanhã neste enderêço, dentro dêste horário, está bem?"

"Sim, sr. doutor."

Um homem disse em voz baixa, que contrastava com a voz forte e alta de Gustavo, "Se o sr. quiser, posso lhe indicar o enderêço de uma fábrica de fios que é de um amigo meu. Sei que êle está precisando de mais um operário."

Sem esperar resposta o homem tirou no bôlso uma cadernetinha prêta e leu o enderêço. Gustavo ficou todo atrapalhado, pois não tinha lápis para anotar. O médico tomou-lhe das mãos o cartão que lhe havia dado e ràpidamente anotou o enderêço no verso do mesmo, devolvendo-o ao felicíssimo Gustavo que ria mostrando todos os dentes.

Gustavo, duas horas depois, já estava na fábrica de fios. Era num bairro um pouco afastado, numa fábrica muito pequena que só tinha dois operários. Gustavo foi logo informado de que o dono não estava, pois tinha viajado. Só voltaria dalí a dois dias.

O operário mais velho disse-lhe que realmente o dono estava precisando de mais um homem na fábrica. Havia três máquinas e sòmente dois homens. O patrão quase sempre estava fora, quando não estava viajando.

Gustavo já estava ficando desanimado quando o operário disse:

"Se quiser o emprêgo, pode ficar já de experiência, pois o sr. Freitas não se incomoda que eu escôlha todo mês os novos."

"Todo mês? Como assim, se são só dois homens?" perguntou Gustavo, admirado.

"Acontece que esta fábrica é o centro da desorganização mundial," observou o velho com ar de enfado. "O sr. Freitas só quer saber de passear e de se divertir." Poucos são os que agüentam ficar aqui mais de um mês. Eu só permaneço por causa da minha idade."

Gustavo ficou com o emprêgo. Depois de um mês de muito trabalho, mês êste em que êle ia diàriamente à Biblioteca Pública estudar tudo o que era possível sôbre fabricação de fios, trançamento de filamentos, tipos diversos de plásticos para capas de fios, têmpera do cobre, etc., chegou a um ponto em que dominava completamente o assunto. Mas não parou aí. Estudou contabilidade, leu livros sôbre propaganda, arte de vender, e enfim, tornou-se em três anos dez vêzes mais competente que o próprio Freitas.

Certo dia, quando o sr. Freitas conversava com um amigo, disse que gostaria de vender a fábrica, pois esta só lhe dava prejuízo. Gustavo, que ouvira a conversa, surpreendeu-se, perguntando na sua pronúncia arrastada:

"Sr. Freitas, em que condições o sr. venderia?"

"Ora, Gustavo, não me diga que você quer comprar..." gargalhou o sr. Freitas.

"Depende do que o sr. disser," retrucou Gustavo bem sério.

"Olhe Gustavo, eu não quero lhe prejudicar, isto aqui só dá prejuizo, mas se você quiser arriscar, dou-lhe esta "bomba" de pai para filho. Você paga a longo prazo, sem entrada, podendo tirar o pagamento do próprio lucro da firma." Gustavo aceitou.

Trabalhou incansàvelmente; comprou mais máquinas a prazo; pôs mais empregados. Êle trabalhava mais do que todos os seus subordinados; fêz propaganda, aumentou a freguesia e o faturamento duplicou, triplicou, quadruplicou.

Gustavo não mudou muito. Êle agora é um rico e progressista industrial, casou-se, possui uma bela casa. Entretanto, é o mesmo homem humilde e simples que começou sòzinho na cidade grande com uma trouxa nas costas. Ainda cultiva e ama a profunda sabedoria do velho Pago, sabedoria que o guiou com êxito na senda onde muitos fracassaram. Hoje êle procura transmitir aos que o cercam aquela velha sabedoria que permite a um homem seguir uma senda direta ao êxito, sem olhar os perigos e sem desanimar com os fracassos.

Página Feminina

CORAÇÃO FECHADO

Capítulo V

Shirley Thulin

Resumo: *Joana Moreira, enfermeira-chefe do Hospital de Pilares é criticada por sua companheira de quarto, Corina de Abreu e pelos médicos, dr. Domingues e dr. Nilo, por tentar a terapêutica do choque em Marcelo, um jovem paciente, para curá-lo de seu desânimo e ajudá-lo a pensar nas coisas que pode fazer. Corina convida Joana para passar o fim de semana com sua família, na fazenda. Enquanto estão lá, a mãe de Marcelo, dna. Adélia, diz a Joana que esta está seguindo um modo errado e prejudicando Marcelo, em vez de ajudá-lo.*

Com o passar dos meses, Joana percebeu que gostava cada vez mais dos fins de semana com a família de Corina; gostava mais do que podia supôr. Adorava o luar e o ar ameno, mas acima de tudo, estava cada vez mais amiga de Huguinho.

Hoje, contudo, Joana não pensava na fazenda. Estava esforçando-se para concentrar-se em algo, desde que Daví tentava fazer com que Marcelo se interessasse pelos estudos. "Se você quiser, posso ajudá-lo no inglês," ouvira-o falando a Marcelo, mas êste não se decidia.

Ao meio dia, ainda não havia visto Daví e estava começando a pensar que êle ainda estivesse trabalhando, quando o viu, parado à porta do elevador.

"Daví." Correu até êle. "Daví, adivinhe uma coisa. Tive uma espécie de inspiração, ontem... Fui à livraria e comprei um livro de inglês... você sabe, o mesmo tipo que usam nas escolas. O que acha?"

"Não sei, Joana. Sem dúvida, é bom tentarmos."

"Queria que você o desse a êle. Você tem certeza que inglês é a matéria que precisa de ajuda?"

"Bem, não. Apenas adivinhei. Inglês é a dificuldade de todos. Levar-lhe-ei o livro durante a hora do jantar. Obrigado. Você é maravilhosa.

Depois que a porta do elevador fechou-se atrás de Daví, Joana ficou pensando. Estou longe de ser maravilhosa, mas creio que estou tentando realizar algo; sinto que sou uma enfermeira-chefe eficiente. Andou com passos confiantes até o fim do saguão.

Ao aproximar-se, as vozes baixaram. Corina e Ofélia estavam conversando e, pelo brilho de seus olhos, pôde adivinhar que o dr. Décio estava por perto. Procurou ocupar-se com algo e fingiu não notar a excitação das duas. Espero que não demonstre em meus olhos, como elas.

Sempre que êle estava por perto, seu coração parecia dar-lhe um aviso e isso a preocupava. Era velha demais para flêrtes de colegiais, disse a si mesma. Sabia que era apenas uma atração. Sabia também que êle a fizera sentir-se assim, de propósito: o modo como a olhava, ... do mesmo jeito que olhava as outras, sabia disso... ainda assim, sentia que êle a atraia de modo especial.

Às vêzes, quando seus olhos se encontravam, sentia que êle não a estava provocando... mesmo quando rabugento, tinha uma mensagem em seu olhar.

O dr. Décio falava com Corina, agora; o som de sua voz, profunda e sincera, fêz Joana sentir um calorzinho agradável. Essa é boa, pensou; êle conversa com outra moça em têrmos médicos e eu fico tôda perturbada! Colocou sua ficha no lugar e ia sair, quando ouviu que a chamavam.

Joana virou-se para êle.

"Já terminou seu turno?"

"Ainda não." Não queria dizer-lhe que ainda tinha de visitar Marcelo, mas que esperara Daví visitá-lo primeiro. Sabia que só o fato de mencionar o nome de Marcelo trazia certa indisposição entre êles.

O dr. Nilo pediu-me que lhe dissesse para ir vê-lo, quando terminasse."

"Obrigada. Êle disse o que queria?"

O jovem médico sorriu. "Não, não disse. Você quebrou algum regulamento, últimamente?"

Joana olhou ràpidamente para Corina e Ofélia. Não pode dizer se seus sorrisos eram como o dêle, rindo com ela, ou se rindo dela.

Ao entrar no quarto de Marcelo, ficou desapontada. Pensara encontrá-lo ocupado em ler o livro que lhe dera; tinha-o imaginado alegre, todo sorrisos e cheio de entusiasmo. Mas, em vez disso, viu o livro em cima da mesinha.

"Olá, Marcelo," disse.

"Olá."

"Você gostaria de sentar-se um pouco hoje?"

"Você gostaria de parar de ser tão impossível? Você sabe que não posso sentar-me."

"Pode, sim. Vão tirar-lhe o gêsso hoje."

"Verdade? E por que ninguém me disse?"

"Você não perguntou. A primeira coisa que geralmente um paciente engessado pergunta é quando poderá tirar o gêsso. Mas você não perguntou, por isso ninguém lhe disse."

"Joana... como vou ficar, quero dizer, depois que tirar o gêsso?"

"Bom, primeiramente, pesará bem menos e será mais fácil para as enfermeiras arrumarem sua cama; poderemos ajudá-lo a sentar-se, porque, sem o gêsso, seus joelhos poderão dobrar-se. E você se sentirá melhor."

Marcelo estava sorrindo. Por um breve momento, sorriu. Depois, a antiga nuvem pairou novamente em seus olhos. "Sim, grande coisa. Poderei sentar-me numa cadeira. E daí?"

"Depois você poderá colocar a mesinha sôbre o colo e colocar o livro de inglês sôbre ela e..."

"Então é isso. Você deu o livro a Daví, para que o desse a mim. Bem, pode levá-lo de volta."

"Ora, Marcelo, você não perderá nada em estudar um pouco por dia. Isso o ajudará a passar o tempo. Os primeiros exercícios são bem fáceis, está vendo?" Joana apanhou o livro e caminhou até êle.

"Sim, sei disso... bem fáceis. Pois eu não consigo fazer nem os mais fáceis. Agora, o que isso faz com sua teoria, enfermeira Joana?"

Joana cerrou os lábios. Sentiu vontade de sacudí-lo bem forte e depois sentiu vontade de chorar. Não fêz nem uma coisa nem outra. Simplesmente colocou o livro sôbre a mesa e saiu.

Joana abriu a porta dos fundos e sentiu o calor do sol da tarde. Não havia almoçado ainda e estava muito preocupada, agora, para pensar em comida. Daví regava as roseiras do jardim.

"Isso também faz parte de seu trabalho?"

"Bem, faço um pouco de tudo. Conversou com Marcelo?"

"Sim; êle não está interessado. Estou zangada com êle."

"Sei disso. Quando fui lá, êle disse-me que estava perdendo meu tempo. Disse que nunca conseguiria passar nos exames vestibulares. Ofereci-me novamente para ajudá-lo."

"Daví, deve haver algo que possamos fazer por êle."

"Talvez êle esteja preocupado com o dinheiro para a escola. Êle não o disse, mas tenho certeza que sua mãe não tem muito dinheiro, já que é viúva e tem tôdas aquelas crianças."

"Oh, Daví. Também creio que seja isso. Por que não pensamos antes? É claro que êle não diria. Bem, podemos consertar isso num instante. Deve haver alguma bôlsa de estudos para casos como êsse. Daví, sinto que vamos conseguir."

Joana correu para dentro. Ao sair do elevador, quase esbarrou em Corina.

"Onde vai com tanta pressa?"

"Olá, Corina. Acho que eu e Daví fizemos algum progresso com Marcelo. Êle parecia interessado em ir à escola, mas de repente, mudou de idéia. Daví acha que é por falta de dinheiro que êle esfriou... vou verificar..."

"Gostaria que fôsse isso, Joana... Mas, o problema dêle não é dinheiro. Isso nada tem a ver com a sua atitude. O pai deixou-lhe fundos para a sua educação. Há bastante dinheiro para êle ir à escola."

"Bastante dinheiro? Então, por quê?"

"Poderia ser simplesmente, que êle quer que você o deixe em paz, como sempre lhe diz."

"Corina, não posso desistir. Sei que existe um meio para fazê-lo voltar à fazenda."

"Bem, sua persistência é digna de ser admirada, Joana, mas você só está procurando dor de cabeça. Que tal sua teoria de não afeiçoar-se a seus pacientes?"

Joana não podia responder a essa pergunta. Não havia percebido que estava se afeiçoando a Marcelo, até que Corina lho dissera. Podia ver, agora, que era verdade.

Dirigia-se ao segundo andar, quando lembrou-se que o dr. Nilo precisava falar com ela. Perguntava-se o que êle desejaria. Sorriu para si mesma, ao lembrar-se do que o dr. Décio lhe falara a respeito de desobedecer as regras do hospital. Sabia que não tinha que se preocupar com isso, mas talvez tivesse feito algum deslise.

Bateu à porta, mas não houve resposta. Voltou-se para ir embora, quando o viu caminhando em sua direção. Uma estranha sensação apoderou-se dela. Êle é bem bonito, pensou. Se não fôsse tão enérgico e tão preocupado com o trabalho!...

"Olá, enfermeira Joana. Entremos. Tenho algumas coisas..."

"Espero não haver negligenciado meu trabalho, dr. Nilo."

"Pelo contrário. Sente-se. Tenho algumas provas que gostaria que desse uma olhada. Precisamos de mais duas ou três enfermeiras. Nunca temos o bastante. Está realizando um ótimo trabalho, Joana."

O dr. Nilo olhou-a e ela sustentou seu olhar. Parecia que êle queria dizer-lhe algo, mas não o fêz. Apanhou os papéis que lhe estendia.

"Estas provas são recentes?" perguntou.

"Sim. Creio que seria bom examiná-las e escolher as três melhores."

"Está bem, dr." Apanhou os papéis e levantou-se.

"Joana, acabei de sair do quarto de Marcelo. Fazia alguns dias que não o visitava. O que fêz a êsse rapaz?"

"O que fiz?..." Olhou para o médico. Seus olhos estavam alegres, parecendo prestes a sorrir-lhe...

"Sabe o que fazia, quando entrei no quarto?"

"Não."

"Estava sentado numa cadeira, com um livro no colo."

"Êle estava?"

"Sim. Êle disse que você lhe dera o livro."

"Sim... Eu..."

"Não seria bom contar vantagem ainda. Êsses casos são mutáveis. Mas você fêz bastante progresso."

"Obrigada. Espero que tenha feito mesmo."

"Agora, espero um relatório dessas provas pela manhã."

Joana agradeceu-lhe. "Estará pronto," disse, tentando manter calma sua voz, embora uma alegre canção parecesse querer sair com as palavras que pronunciava.

Sùbitamente sentiu fome. Correu ao refeitório, esperando que não estivesse fechado. Estou tão atrasada, pensou; espero que haja alguém com quem possa conversar. O dr. Décio estaria ótimo. Gostaria de dizer-lhe como Marcelo estava... queria que soubesse que, finalmente, estava conseguindo que Marcelo fizesse algo.

Entrou no salão e olhou ao redor. Viu o dr. Décio e a enfermeira Ofélia sentados, comendo. Resolveu não perturbá-los. Apanhou uma bandeja, quando ouviu o som estridente da sirene de uma ambulância. A princípio, era um som longínquo e percebeu que a ambulância ainda estava longe; mas, quando esta se aproximou, sentiu mêdo. Ninguém mais pareceu ouví-la. Por que êsse som a perturbava tanto? Já ouvira sirenes anteriormente! Colocou a bandeja sôbre a mesa e correu para a entrada de emergência.

A ambulância trazia alguém que conhecia ... Tinha certeza disso, pois há muito tempo, numa noite distante, sentira exatamente o mesmo. / *Continua.*

Por que o Pai Eterno criou um mu n

PERGUNTA: "Se Deus é Todo-poderoso, Êle poderia ter criado um mundo onde não existe o sofrimento e a tristeza. Desde que no mundo há tristeza e sofrimento, ou Deus não é todo-poderoso ou é cruel para com seus filhos, fazendo-os sofrer como muitos dêles sofrem. Não posso cultuar um Deus, nem formular uma concepção que justifique o sofrimento humano. Orar a semelhante Deus parece ser zombaria".

Joseph F. Smith

RESPOSTA: Quem mantém tal pensamento não possui entendimento do que diz respeito ao propósito da vida mortal. Não fomos enviados para cá para ter uma vida meramente de prazer, livre de provações, doença, de algumas dores físicas e desapontamentos. O propósito real da mortalidade é duplo: primeiro, obter tabernáculos de carne e ossos; segundo, obter experiências que sòmente poderiam ser obtidas na mortalidade.

O simples fato é que viemos para cá para participar tanto do amargo quando do doce, ganhar conhecimento e sabedoria através das experiências que a mortalidade proporciona e que nos preparam para avançar em direção à perfeição eterna. Enquanto isso, na vida mortal estamos na escola sendo treinados em tôdas as experiências necessárias, que nos prepararão para a vida eterna. Portanto, algumas dores, algumas aflições, talvez desapontamentos são essenciais a fim de nos preparar para voltar como filhos do Pai Celestial, da mesma forma que o são as coisas aprazíveis da vida na preparação para as bençãos da vida eterna. Assim, preparamo-nos para a vida vindoura. Aqui estamos na escola sendo treinados em tôda a preparação necessária para a existência futura. Portanto, é essencial que tenhamos contato com algumas coisas que são amargas para que possamos apreciar o doce, para que a nossa educação terrena possa ser completa. Se não tivéssemos acesso a estas condições, nosso treinamento mortal seria deficiente e carente de muitas partes que são essenciais para a exaltação que nos aguarda, se fôrmos fiéis e verdadeiros.

Se tivéssemos nascido nesta vida meramente para o propósito de obter prazer, o inteiro propósito da vida falharia. A mortalidade é, em tudo o que lhe diz respeito, uma escola necessária — uma escola na qual somos treinados e recebemos conhecimento e experiência que não poderia vir a nós de qualquer outro modo.

Um antigo profeta do hemisfério americano deu-nos alguns conselhos ao ensinar seu filho sôbre o propósito desta vida mortal: "Porque é necessário que haja uma oposição em tôdas as coisas. Pois, se assim não fôsse, ó meu primeiro filho nascido no deserto, não haveria justiça nem maldade, nem santidade nem miséria, nem bem nem mal. Portanto, é preciso que tôdas as coisas formem um conjunto. E, portanto, havendo um corpo, haveria de estar

...ndo onde existe sofrimento e tristeza?

como morto, não tendo vida nem morte, nem corrupção, nem incorrupção, felicidade ou miséria, nem sensibilidade ou insensibilidade.

"Deveria portanto, ter sido criado em vão, não tendo a sua criação obedecido a nenhum fim. Portanto, isto destruiria a sabedoria de Deus e seus eternos propósitos, assim como o poder, a misericórdia e a justiça de Deus." (2 Nefi 2:11-12)

Jamais nos esqueçamos que qualquer mortal sofreu tão intensamente como nosso divino Salvador, Jesus Cristo. Tôda a sua vida mortal estêve tão cheia da tristeza quanto da alegria que a vida proporciona. A descrição do seu sofrimento está registrada em Doutrina e Convênios com as seguintes palavras:

"Pois eis que, Eu, Deus, sofri estas coisas por todos, para que se arrependendo não precisassem sofrer;

"Mas se não se arrependessem deveriam sofrer assim como Eu sofri;

"Sofrimento que me fêz, mesmo sendo Deus, o mais grandioso de todos, tremer de dor, e sangrar por todos os poros, sofrer tanto corporal, como espiritualmente — desejar não ter de beber a amarga taça e recuar.

"Todavia, glória seja ao Pai, Eu tomei da taça e terminei as preparações que fizera para os filhos dos homens". (D&C 19:16-19)

Aqui, meu jovem irmão, temos uma expressão do Filho de Deus, de como Êle tomou sôbre si mesmo o sofrimento, e por quem? Por você e por mim, e por tôda alma que venha a arrepender-se e receber o seu evangelho.

E para que êste grande sofrimento? Para que nós, os filhos de Deus, pudéssemos obter a ressurreição e, se fiéis aos mandamentos, obter um lugar de salvação e de exaltação no reino de nosso Pai.

Que direito temos nós, que somos tão grandemente abençoados, de nos queixarmos porque o mundo em que vivemos é sujeito à dor, à doença e às aflições quando cometemos pecado? Teria nosso Pai Eterno requerido mais de nós do que Êle uma vez sofreu? Você já pensou no sofrimento do seu Bem Amado Filho o qual, pelo que estamos informados, foi tão grande que seu corpo tremeu de dor e exsudou sangue por todos os poros do corpo? E por quem Êle sofreu? Não por Êle mesmo, mas por tôda alma vivente que venha a se arrepender e aceitar o seu evangelho. Esta foi uma manifestação do Seu grande amor por todos nós, sêres mortais!

Sim, nosso Redentor fêz tudo isso por você, por mim e por tôda criatura que recebeu vida mortal neste mundo. Quão gratos deveríamos ser por esta manifestação do seu grande amor por nós! Pois, devido a isto, estamos aptos a obter a ressurreição da morte e, se fiéis aos seus mandamentos, a exaltação no reino do Pai.

É uma noção equívoca e insensata julgar que a mortalidade deveria ser um lugar livre de qualquer dor, doença, ou provação da nossa fé e eventualmente morte transitória. Ver-nos face a face com a dor tanto quanto com o prazer, com a doença tanto quanto com a felicidade e a saúde, e eventualmente a morte: viemos aqui precisamente para obter estas experiências. Elas são essenciais para o nosso progresso no mundo vindouro, progresso êste que teria sido retardado se tivéssemos sido livrados de tôdas estas coisas. É absolutamente essencial que tôda alma deva participar destas experiências. Elas ajudam a nos fazer fortes.

Consideremos uma comparação: Eis aqui dois homens, ambos com a mesma altura e o mesmo pêso. Um dêles exercita os seus músculos por labuta e exercícios diários; o outro nada faz senão sentar ou recostar-se por aí. Um instrui-se mediante estudo; o outro não dispõe de tempo para esforçar-se em aprender. Qual dêles você deseja ser, o homem que é ocupado e estudioso ou o homem que é preguiçoso e à vontade? Num caso o homem é ativo, vigoroso e forte. O outro torna-se fraco, doentio, e uma carga para si mesmo e para os demais.

Eis aqui dois outros homens. Um é estudioso, humilde e piedoso. Tem a orientação do Espírito do Senhor porque tem o desejo de guardar os mandamentos de Deus. Recebeu o conhecimento por meio da sua humildade e fé, de que o Pai Eterno vive e que seu Filho Jesus Cristo é o Redentor do mundo. Êle é feliz e ama o seu próximo.

O outro é desesperançado. Não está seguro da salvação no reino vindouro. O futuro para êle é um abismo, um lugar de trevas perpétuas. Não tem esperança nem segurança de uma vida perpétua que virá eventualmente. Mas a morte do corpo não é o fim!

O nosso Senhor e Redentor veio aqui e sofreu como nenhum ser humano jamais foi chamado a sofrer, e padeceu esta tremenda provação por *você* e por *mim*, por tôda criatura viva sôbre a face da Terra e pela própria Terra, para que tudo possa obter ressurreição e viver novamente onde não haja morte.

Sendo isto verdadeiro, não deveríamos, nós mortais sôbre a terra, amá-lo, aprender a guardar seus mandamentos e provar nossa gratidão e amor por tudo quanto fêz por nós?

Juventude da Promessa

Na Igreja onde há danças

Evangelina R. M. Fontes,
Estaca São Paulo, Ala V.

Oportuno se torna começar por dizer que chamamos genèricamente de "igreja" a tôda área onde se encontram, além da capela e das salas de aula e administração, as partes reservadas à recreação, como esportes, teatro, cinema, biblioteca, bailes. Ou seja, para cada atividade há um lugar adequado.

Nossa Igreja é nova para algumas camadas da população e por vêzes ouve-se menção a ela como "A Igreja onde se dança," o que aos olhos dos menos avisados parece uma enormidade. Não há muito ouvi alguém dizer que o baile na Igreja "era legal." Desejando significar outra coisa, disse uma verdade sem querer.

É "legal," sim, primeiro porque está dentro da lei do Senhor. Veja: Há um tempo para tôdas as coisas. Um tempo de dançar... (Ecles. 3:1-4) O povo deve regozijar-se na dança. (Jer. 31:13) Jesus foi acusado de procurar divertimento. (Mateus 11:17-19) Jesus assiste à celebração do casamento. (João 2:1-2) O Senhor será louvado com música e dança. (D&C 136:28) Aos puros tudo é puro. (Tito 1:15-16)

Assim como existe uma juventude transviada, também existe uma juventude mórmon, que é exatamente o oposto; que vive no mundo, que dêle partilha, mas que não é dêle e sim do Senhor, a cujas leis é submissa; que não vegeta com o pensamento voltado ao material, ao físico, mas que tem elevada espiritualidade.

É assim o ambiente na Igreja e certamente não dá margem a oportunidades pecaminosas, como poderia acontecer — o risco existe, e grande — lá por fora.

Quem vem aqui encontra tudo que é bom, não só no setor espiritual, como no temporal.

Os nossos jovens são instruídos desde criancinhas, nos mais elevados padrões morais; são mentalmente limpos e sabem do valor e prática do respeito mútuo. Conhecem igualmente a etiquêta, as regras de ouro do bom gôsto nas relações sociais.

Observadores ocasionais sempre saem daqui com a impressão inefável de que fizeram uma descoberta e, na verdade, aqui está uma organização como dificilmente se imagina possa existir.

Pois bem. Um baile nosso é assim: local perfeitamente preparado, muito limpo e decorado conforme o tema.

Moças com vestidos elegantes e distintos. Rapazes impecáveis, de terno e gravata. Percebe-se animação e alegria, porém não se ouvem risadas estentóreas, nem conversas de mau gôsto.

Êsses ensinamentos nos vêm de um de nossos livros canônicos, Doutrina e Convênios, que na seção 88, conhecida como a "Fôlha de Oliveira," começa assim:

> "Portanto, cessai de tôdas as vossas conversas levianas, de tôda gargalhada, todos os vossos desejos de cobiça, de todo vosso orgulho e leviandade e tôdas as vossas ações iníqüas." (D&C 88:121).

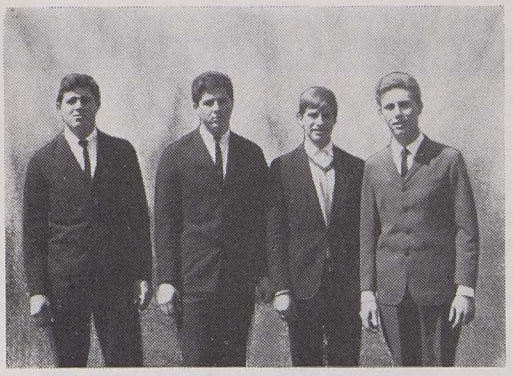
O Senhor condena a gargalhada e espera que seus santos sejam sóbrios e sérios todo o tempo? Em outras ocasiões Êle aconselhou que uma pessoa deverá ter um "coração alegre e rosto contente" (Ibid. 59:15) e sentir alegria na dança, canção e música (Ibid. 136:28). O Senhor se refere aqui ao que é excessivo, desonesto, rude, ocioso, leviano ou iníqüo, pois tudo isto não está em harmonia com o Seu Espírito. Nada de piadinhas maliciosas, histórias picantes, nem "gozação" de alguém. A alegria no bom sentido é sinal do santo.

Voltando à descrição de um baile, observa-se que o ar está puro, livre da contaminação da fumaça de cigarros e a certa altura ninguém perde a linha por estar alcoolizado: dispensamos bebidas alcoólicas; a jovialidade mórmon não tem origem tão fútil. Aos participantes, oferecemos refrescos variados e doces e salgados preparados pelas irmãs da Sociedade de Socorro. E na hora da dança pròpriamente dita, os pares evoluem corretamente, cada qual com um profundo respeito por si próprio, pelos seus semelhantes e especialmente pelo lugar onde está.

A fôrça da Igreja está em guiar e não em obstar os apetites e tendências normais dos sêres humanos. Ensina a insensìvelmente trocar um hábito mau por um bom.

Na filosofia mórmon não há tempo para a preguiça, mas há tempo bastante para o divertimento sadio. O Profeta Joseph Smith, em sua vida extraordinàriamente ocupada, encontrou tempo para participar de esportes, danças e peças teatrais. A recreação nos acampamentos pioneiros das planícies produziu uma saúde mental que mudou o aspecto daquela terra. Ao conquistar o deserto, a recreação desempenhou nos pioneiros um papel incomum. Trouxe o esquecimento causado pelo sofrimento e pelas injúrias às mentes cansadas e aos corpos doloridos.

"Como pensa o homem, assim êle é"; conseqüentemente, a Igreja está sempre alerta e atualizada, dirigindo a vida social do seu povo, atingindo seus objetivos de maneira exemplar. Quem quiser comprovar, seja bem-vindo e veja.



← Os gêmeos José Maria e José Benedito Rodrigues, Israel Puga e Olival Antonio de Benedetto, (na foto da esquerda para a direita), são os quatro jovens que partiram recentemente para a Argentina, onde trabalharão durante 2 anos, aproximadamente, como missionários construtores. José Maria e José Benedito são da Ala III (Sto. Amaro), Israel é do ramo de Ribeirão Prêto e Olival é da Ala I (V. Mariana).

↑ Recentemente batizou-se o 10.000º membro da Missão Brasileira do Sul, a simpática garôta Sônia Mara Marques da Silva. Seu pai, o irmão Garibaldi da Silva, tem criação de cães "boxer," que são conhecidos em todo o Brasil. Na foto, Sônia, seus pais e os missionários que batizaram a família.

↓ A AMM do 2º ramo do Distrito de Curitiba promoveu há pouco, uma brincadeira dançante sob a animação do conjunto "Os Lords." Nessa oportunidade apresentaram um desfile de modas, onde a linha "op-art" realçou a graça e simpatia das jovens mórmons do sul.

NOTÍCIAS

→ Há pouco tivemos na capela de Pinheiros um programa de elevado nível, organizado pelo quórum dos élderes da estaca. Trata-se do Coral Paulistano, dirigido pelo maestro Tullio Colacioppo (foto). O espetáculo, que teve o patrocínio da Prefeitura do Município de São Paulo, apresentou obras de Monteverdi, F. Mignone, Alberto Nepomuceno e outros grandes nomes da música erudita.

Conferência Geral da S

BÊNÇÃO DE EXPERIÊNCIA

Pres. Belle S. Spafford

A história da Igreja registra muitas das tentações, tribulações e perseguições que obstruiram o caminho de Joseph Smith — que foi escolhido pelo Senhor para inaugurar esta dispensação. Nenhum relato, talvez, revela mais claramente a provação pessoal sofrida pelo profeta, do que o relato do seu encarceramento na cadeia de Liberty, onde foram acumulados ultrajes sôbre sua sensível e refinada natureza.

No meio de sua tribulação, orou a Deus com arrebatada resolução.

"Ó Deus, onde estás? E onde está o pavilhão que cobre a tua morada? Até quando deterás a tua mão e contemplarão os teus olhos... dos céus eternos, as iniqüidades do teu povo e dos teus servos e quando serão penetrados os seus ouvidos pelas suas lamentações?... Ó Senhor... estende a tua mão... que se enterneça o teu coração e que se compadeça de nós o teu âmago."

E Deus respondeu às lamentações do profeta, dizendo:

"Meu filho, paz seja com tua alma; essas adversidades e aflições serão só por pouco tempo; e, então, se as suportares bem, no alto Deus te exaltará... Se fôres chamado para passar por tribulações; se estiveres em perigo no meio de falsos irmãos; se estiveres em perigo no meio de ladrões; se estiveres em perigo na terra ou no mar; se fôres acusado de falsas acusações; se teus inimigos caírem sôbre ti; se te apartarem do convívio dos teus pais e teus irmãos; e se, com espada desembainhada teus inimigos te arrancarem do âmago de tua espôsa e de tua prole... se fôres lançado à cova, ou às mãos de assassinos, e te fôr dada sentença de morte... se ventos ameaçadores tornarem-se teus inimigos; se os céus se escurecerem e todos os elementos se combinarem para obstruir o teu caminho; e sobretudo, se a bôca do inferno abrir-se ainda mais vorazmente para agarrar-te; saibas, filho meu, que tôdas estas coisas dar-te-ão experiência e elas serão para o teu próprio bem." (DHC III, págs. 291 e seguintes.)

Isto nos leva a perguntar, "O que realmente vem a ser isto que o Senhor chamou de *experiência*, e quais são os valôres que nela se acham, não sòmente para o profeta, mas para cada um dos filhos do nosso Pai Celestial?"

Experiência, creio, é realmente viver através de um ou mais eventos; é a satisfação ou o sofrimento pessoalmente vividos, que indiretamente afetam o sentimento, o discernimento e o caráter de uma pessoa. O dicionário diz que "Experiência é a soma dos eventos conscientes, que compõem a vida de um indivíduo." Tem-se referido à experiência como "a maior mestra da vida," e "uma fonte de sabedoria."

Donald Culross Peattie, escritor talentoso, disse que a vida é uma aventura na experiência e "quando a idade prateadas cãs à cabeça traz, sua diversidade de experiências sábia a faz."

Um outro escritor disse que um homem forte e bem constituído digere as suas experiências (feitos e malfeitos incluídos), assim como digere suas refeições, mesmo que tenha bocados duros de mastigar e de engolir, e dêstes bem digeridos bocados vem a nutrição pela qual seu caráter é formado.

Os santos dos últimos dias sabem que a vida na terra é um campo de provas para os filhos do Pai Celestial; que as experiências, tanto as agradáveis quanto as difíceis vêm para todos; que cada um será testado pelas experiências de sua vida, e o seu caráter e suas relações serão medidos da maneira como se desempenha nas provações.

A seção 136:31 de Doutrina e Convênios diz: "O meu povo deve ser provado em tôdas as coisas, para que esteja pronto a receber a glória que tenho preparado para êle, mesmo a glória de Sião; e aquêle que não suportar os castigos não será digno do meu reino."

Lembro-me de ter sido autorizada pela Primeira Presidência, há muitos anos atrás, como é costume, a entrevistar uma irmã a respeito do seu chamado para fazer parte da Junta Geral. Era uma mulher inteligente e talentosa, devotada ao trabalho da Igreja e da Sociedade de Socorro. Prontamente compreendeu a importância do chamado e o que, em geral, seria esperado dela como membro da junta e líder das mulheres SUD. Ela relutava em aceitar o chamado, pois, disse, sentia que não tivera experiências na vida que a fizessem compreensiva o suficiente para entender os problemas e necessidades das irmãs ou ser sábia no aconselhá-las. Ela disse que sua vida tinha sido pràticamente destituída de provações e sofrimentos e tinha mêdo que sua falta de afinidades de experiências com a maioria das irmãs da Sociedade de Socorro as impedissem de aproximarem-se amàvelmente dela. Isto ela não poderia suportar. Então disse isto, que permaneceu comigo através dos anos: "Tanto quanto respeite às experiências que provam e desenvolvem uma pessoa, a minha tem sido positivamente empobrecedora."

Essa bela mulher que, naquele momento, sentia que sua vida tinha sido empobrecida, era filha de um dos mais proeminentes e financeiramente bem sucedidos líderes da Igreja. Tinha por muito tempo gozado o prestígio, bem como as demais vantagens de pertencer a tal família. Seu marido também possuia um alto cargo na Igreja e era profissional e financeiramente bem sucedido. Tinham um maravilhoso lar e uma adorável família, com filhos brilhantes.

a Sociedade de Socorro

(Discursos feitos na sessão geral da Conferência Anual da Sociedade de Socorro, a 29 de setembro de 1965.)

Ela própria era atraente e saudável de mente e corpo, e muito mais bem dotada do que a mulher comum. Mesmo assim sentiu que não estava qualificada para aceitar um maravilhoso chamado na Igreja, por causa da tranqüilidade das experiências de sua vida.

Sugeri que ela adiasse a decisão por alguns dias e que conversasse sôbre o assunto com o espôso e com o pai. Na manhã seguinte ela voltou ao meu escritório e humildemente aceitou o chamado. Disse que seu pai lhe dissera para não se preocupar com a falta de experiências duras e probatórias da sua vida. Elas não lhe seriam negadas, nem a qualquer dos filhos de nosso Pai Celestial.

Seu pai citara-lhe os ensinamentos do Senhor a Abraão, no qual disse que faria uma terra onde os espíritos que criara pudessem habitar, e os provaria para ver se êles fariam tôdas as coisas que o Senhor seu Deus lhes mandasse. Disse que seu pai ensinara-lhe que a provação fôra ordenada por Deus, mesmo para os seus filhos mais favorecidos e que isto era um meio de desenvolvimento e purificação, um meio pelo qual o homem seria provado nesta vida terrena. Para algumas pessoas a provação veio cedo na vida; para outras, foi retida até anos mais tarde, mas no seu devido tempo veio para todos. Além do mais, seu pai lhe indicara que a aceitação do chamado dar-lhe-ia fôrça para suportar as adversidades quando elas chegassem.

Em pouco tempo, a vida trouxe a esta irmã, em rápida sucessão, provações, aflições, tristeza, desapontamentos e mesmo sofrimento físico. Provou-se capaz de recobrar as fôrças que a capacitaram a enfrentar cada experiência com paciência, fé e coragem, livre da amargura ou de um espírito de rebelião. E emergiu dessas experiências uma mulher de rara fôrça espiritual, piedosa e compreensiva; uma mulher sábia no aconselhar, um exemplo às mulheres da Igreja quanto ao poder de elevar-se acima da adversidade, uma admirável líder da Sociedade de Socorro, uma alma depurada.

Verdadeiramente o que conta não é o que vem a nós por meio da experiência, mas como enfrentamos as dificuldades. Uma das maiores fôrças que possuimos ao enfrentar as adversidades, é um firme e duradouro testemunho do evangelho, um conhecimento do grande plano de vida e de salvação. Êste conhecimento nos capacita a determinar os verdadeiros valôres da vida e nos instiga na busca daquilo que tem valor eterno. As negações da vida, as aflições, as tribulações, grandes ou pequenas, são então, vistas de uma perspectiva verdadeira e se é alçado acima delas e sustentado para prosseguir. O testemunho vem através do esfôrço: estudo das palavras e da vontade do Senhor, tal como nos foi ensinado por seus profetas; vem através da oração; vem através da associação com os santos; através da atividade dentro da Igreja; através da obediência aos mandamentos de Deus.

A fôrça para enfrentar as adversidades vem pela busca do conselho do Senhor, contidos nas escrituras. O conselho e o poder confortador de Deus estão sempre disponíveis através dessa fonte. Na verdade, as escrituras falam a nós como um conjunto — sua Igreja, mas também falam a nós como indivíduos, se assim o permitirmos. De fato, devemos estar familiarizados com os seus têrmos, tendo completa fé, aplicando a sabedoria divina aos nossos problemas e circunstâncias.

As escrituras não dizem aos que estão em aflição, "Bem-aventurados os que choram, porque serão confortados"?

Aos que estão trânsidos de mêdo, por causa das perplexidades dos tempos, dizem: "Portanto, não temais, pequeno rebanho; fazei o bem; ainda que a terra e o inferno se unam contra vós, se estiveres estabelecidos sôbre a minha rocha, não poderão prevalecer"? (D&C 6:34).

Ao que deve tomar uma aflitiva e importante decisão é dado êste conselho: "Mas, eis que, eu te digo, que deves ponderar em tua mente; depois me deves perguntar se é correto, e se fôr eu farei arder dentro de ti o teu peito; hás de sentir isso, que é certo." (D&C 9:8).

Realmente sábia é a mulher que se fortifica para enfrentar as vicissitudes da vida através do conhecimento das escrituras.

A orientação inspirada e o aumento de fôrça estão disponíveis a nós através da oração. O Senhor, misericordiosamente nos convida a depôr nossos fardos aos seus pés. Em Alma (37:37) somos admoestados, "Aconselha-te com o Senhor em tudo quanto tiveres de fazer e Êle te dirigirá para o bem." Estas não são palavras vãs de um homem. São palavras do Senhor aos seus filhos — a vocês e a mim.

Ao passarmos em revista a nossa vida, e as daqueles que nos rodeiam, ficamos cientes de que, em geral, há um equilíbrio razoável entre as experiências difíceis e agradáveis da vida; que pela extensão das experiências a vida é enriquecida. Sabemos que as experiências mais difíceis nos tornam mais compreensivos e mais piedosos para com os outros. Reconhecemos que através do autodomínio elevamo-nos acima das provações da vida, e nosso caráter é desenvolvido e depurado. Sabemos que em nenhuma das tribulações da vida estamos sòzinhos. O Senhor está sempre perto para nos confortar, orientar, e nos conseguir amigos. Sabemos que devemos ser testados para que a vida terrena cumpra o seu propósito. Vemos a verdade e a sabedoria nas palavras do Senhor, quando ternamente disse ao profeta Joseph Smith, "... saibas, filho meu, que tôdas essas coisas dar-te-ão experiências e serão para o teu próprio bem."

Que as mães SUD, obedientes aos mandamentos de Deus, possam sempre encontrar confôrto nesta abençoada promessa do Senhor, seja o seu caminho em verdes pastagens ou em estradas pedregosas.

"E agora, em verdade vos digo, e o que digo a um digo a todos, tende bom ânimo, filhinhos; pois estou em vosso meio e não vos abandonarei." (D&C 61:36).

Que esta possa ser nossa bênção é a minha fervorosa prece.

AMOR, A VARA DE MEDIR

Marianne C. Sharp
Conselheira

Um editorial que lí há alguns meses, de autoria do élder Mark E. Petersen, no Church News, tem sempre voltado à minha memória desde então e sinto que começo a compreender, através do mesmo, um sentido mais significativo do primeiro e segundo mandamentos. O editorial dizia:

"O julgamento final não será uma pesagem do bom e do mau numa balança, para saber-se por qual dos caminhos seguiremos — para o céu ou para o inferno.

O dia do julgamento é a ocasião em que seremos medidos para ver se nossas almas tornaram-se semelhantes à de Cristo.

Aquêles que são como Cristo seguirão com êle, mas não os outros."

Quanto mais meditava sôbre estas palavras, mais clara tornava-se para mim a razão pela qual o amor é a chave do primeiro e segundo mandamentos do Senhor aos seus filhos terrenos.

"Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de tôda a tua alma e de todo o teu entendimento. Êste é o primeiro e grande mandamento. O segundo, semelhante a êste é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Dêstes dois mandamentos dependem tôda a lei e os profetas." (Mat. 22:37-40).

Outra escritura que também muito me impressionou, foi a eloqüente declaração de Paulo:

"A caridade nunca falha; mas, havendo profecias, serão aniquiladas; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, desaparecerão... Agora, pois, permaneçam a fé, a esperança, a caridade, estas três, mas a maior destas é a caridade." (I Cor. 13:8,13).

Relembrei também as palavras reveladoras de Mórmon: "Mas a caridade é o puro amor de Cristo, e dura sempre; e a todos os que forem dotados dela, no último dia lhes irá bem." (Moroni 7:47).

Na medição das nossas almas, no dia do julgamento, evidentemente o amor será a vara de medir.

Tentei encarar minhas ações, assim como vocês encaram as suas. O que estava fazendo para demonstrar meu amor a Deus, meu amor ao próximo? Mas, espere! Outro pensamento me veio à mente — não *sòmente* minhas *ações* — mas meus sentimentos, meus desejos, meus pensamentos — quanto amor havia nêles? Recordei as palavras de uma irmã: "Não temo ser julgada pelas minhas ações; posso obrigar-me a fazer apenas boas ações, mas temo ser julgada pelos meus pensamentos." De acôrdo com o editorial do irmão Petersen, esta afirmação teve um sentido bastante significativo.

Todo ato do Salvador foi induzido pelo seu amor a nós: seu espírito, seu ser que não abrigou a desonestidade, a inveja, o ódio, o ciúme, a malícia ou o egoismo. Êle fêz o que tinha visto seu Pai fazer. "Porque Êle faz nascer o seu sol sôbre maus e bons e vir chuvas sôbre justos e injustos." (Mat. 5:45). "Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nêle crê não pereça, mas tenha vida eterna." (João 3:16).

Qual o significado disso em nossa vida cotidiana, como mulheres SUD, como espôsas, como mães? Uma espôsa vai para a cozinha preparar refeições para a família. Serve um jantar apetitoso parecendo estar bastante calma. Ìntimamente, porém, poderá ser uma massa ebuliente de ressentimentos. Seu marido não a avisou que traria visitas para o jantar; seus filhos não a ajudaram. Ela ainda tinha muita coisa a fazer naquela noite. Seus sentimentos estavam feridos pela falta de consideração demonstrada. Levando em conta o amor como vara de medir, teria importância o que sua família fêz ou deixou de fazer? A questão, para ela é: o seu espírito foi cristão?

Lemos nas palavras do Salvador aos fariseus, que êle os chamou de sepulcros caiados, que pareciam belos por fora, mas sujos por dentro. Esta descrição, em certo grau, pode estar muito mais próxima de nós do que parece.

O amor é o mestre mais rígido. Todos sofremos mental, física e espiritualmente. Todos experimentamos desapontamentos, preocupações, desilusões, pesares e mágoas. Precisamos aprender a nos submeter a tudo com espírito cristão. "...Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem." (Luc. 23:34.) "...Todavia não seja como eu quero e, sim, como tu queres." (Mat. 26:39)

Um espírito cristão parece inatingível, mas quanto mais nos aproximamos da afirmação "Deus é amor," mais próximos estamos dessa realização.

À medida que crescemos em amor, melhor compreendemos que "Os homens existem para que tenham alegria."

A Sociedade de Socorro é um grande instrumento do Senhor para ajudar suas filhas a obter perfeição. Enquanto aumenta os testemunhos, faz crescer o espírito; enquanto serve a outrem, inunda a alma de amor.

O Profeta Joseph Smith declarou, "A Sociedade de Socorro não serve sòmente para ajudar aos pobres, mas para salvar almas" — para salvar a nossa alma enquanto aprendemos a amar nossas irmãs e as ajudar a salvarem as suas.

Gostaria que tôda mulher SUD amasse a Sociedade de Socorro. Creiam-me, realmente ajuda-nos a adquirir um espírito cristão. Aprendendo e servindo na Sociedade de Socorro, progressivamente nos tornamos humildes. Percebemos mais agudamente as nossas faltas, mas a vara de medir está posta ao lado de cada uma e a meta da vida eterna está sempre diante de nós. Que possamos deixar a Sociedade de Socorro nutrir a caridade em cada uma de nós. Oro para que possamos ser encontradas em posse da caridade, para que tudo nos possa ir bem.

EIS QUE TENHO PÔSTO DIANTE DE TI UMA PORTA ABERTA

Louise W. Madsen
Conselheira

Para que o homem pudesse aprender sua missão, Cristo referiu-se a si próprio da seguinte maneira: "Eu sou a porta, se alguém entrar por mim, será salvo." (João 10:7) Os textos sagrados registram o uso, pelo Salvador, da palavra "porta de entrada," como um símbolo de sua entrada no reino de Deus.

"Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com êle e êle comigo." (Apoc. 3:20)

Uma famosa pintura, ilustrando esta citação bíblica, mostra Cristo em frente à porta sem trinco, significando que a porta sòmente pode ser aberta por dentro; aquêle que desejar receber o Salvador em sua casa necessita abrir seu coração e alma e convidar o Senhor a entrar.

O simbolismo é também notado numa outra citação familiar: "Batei e abrir-se-vos-á." (Luc. 11:9) Tôdas essas afirmações colocam a responsabilidade sôbre os próprios indivíduos de tomar a iniciativa necessária e entrar pela porta preparada para cada um.

Deus, ao inspirar o seu profeta a "virar a chave" em favor das mulheres, foi como se tivesse dito às suas filhas, "Eis que tenho posto diante de ti uma porta aberta." (Apoc. 3:8) e, aquelas que entrarem descobrirão que "uma porta grande e oportuna para o trabalho se me abriu." (I Cor. 18:9)

A Sociedade de Socorro é a porta de entrada para muitas coisas maravilhosas, tôdas calculadas para tornarem a vida mais bela, satisfatória, positiva e feliz. Quando alguém entra na mansão que é a Sociedade de Socorro, outras portas interiores podem ser abertas a cada uma, mostrando novos horizontes, convidando à exploração, proporcionando maior compreensão e, como o Senhor tem dito, revelando a grande porta que conduz a êle.

A Sociedade de Socorro é uma porta de entrada para o *crescimento espiritual*. Êsse crescimento vem da combinação do estudo das escrituras e escritos daqueles que conhecem e compreendem a palavra de Deus, e de estar em sintonia com o Espírito que revela, instiga e enche a alma e a mente com entendimento. A Sociedade de Socorro proporciona uma melhor e mais profunda conversão e uma fé e testemunho inabaláveis.

A Sociedade de Socorro é uma porta de entrada para o *viver feliz*. A felicidade não tem implicações egoísticas. Vem para os que fazem os outros felizes. Sua fonte na vida de uma mulher gira em tôrno do lar. O treinamento prático, tal como é dado pela Sociedade de Socorro, assegura maior dedicação às suas funções de espôsa e mãe. Não haverá felicidade maior para ela do que saber que obteve sucesso no lar, que seu apôio contribuiu para as realizações do marido, que o amoroso cuidado por seus filhos tem resultado em crianças dignas.

A Sociedade de Socorro é uma porta de entrada para o *companheirismo*. Um dos deleites da vida é a amizade daquelas a quem amamos, respeitamos e admiramos, aquelas cujas aspirações e ideais podemos partilhar, aquelas que ensinaremos ou por quem seremos ensinadas, com quem caminharemos em culto e oração ao Pai Celestial, aquelas que nos inspiram e nos motivam a esforços maiores. Quão jubilosas e duradouras são as amizades feitas na Sociedade de Socorro!

A Sociedade de Socorro é uma porta de entrada para o *serviço*. Os mandamentos do Pai requerem serviços a Êle e a seus filhos, como parte daquilo que nos dará a vida eterna no reino celestial. A oportunidade de prestar socorro é proporcionada pela Sociedade de Socorro. Os "esforços combinados" dos membros dessa "sociedade caritativa" contribuem para a eficácia, bem como a quantidade de serviço que pode ser prestado. O carinhoso e terno cuidado que marcou o trabalho de Jesus é imitado pela Sociedade de Socorro.

A Sociedade de Socorro é uma porta de entrada para o *conhecimento*. O Senhor tem admoestado seus filhos a obterem sabedoria pelo estudo e também pela fé. Deu-lhes mandamentos para ensinar uns aos outros e congregarem-se para aprender sua palavra. Através do seu profeta, prometeu às suas filhas que o conhecimento e a inteligência fluiriam sôbre elas e tem insistido com elas para alargarem o seu campo de conhecimento. A Sociedade de Socorro torna possível às irmãs atenderem a essas admoestações, seguirem êsses conselhos e participarem das atividades de aprendizagem que contribuirão para a sua bagagem de conhecimentos.

A Sociedade de Socorro é uma porta de entrada para uma *feminilidade mais perfeita*. O plano divino para as mulheres é revelado nos seus princípios. Os seus membros são ensinados a terem maior responsabilidade nas sagradas obrigações da maternidade. Suas grandes mulheres proporcionaram padrões a serem imitados, virtudes de modéstia e feminilidade.

A Sociedade de Socorro é uma porta aberta. Tôdas as mulheres que entrarem por ela serão abençoadas e elevadas. A irmandade terá significado maior. O serviço prestado sob direção da Sociedade de Socorro será um escoadouro para os sentimentos caritativos. O conhecimento será partilhado e a aprendizagem encorajada. O crescimento pessoal será administrado, numa agradável variedade de maneiras. A espiritualidade será ampliada. O amor circundará aquelas que passarem pela porta de entrada, que é a Sociedade de Socorro.

Irmãs, lembrem-se sempre do que disse o Senhor, "Eis que tenho diante de ti uma porta aberta." Transponham essa porta com fé e total confiança e descobrirão que "uma grande porta e oportuna para o trabalho se me abriu."

IMAGEM PRÓPRIA

Donald P. Tenney

A nossa vida é o resultado de uma infinidade de decisões. O que somos hoje é o resultado das decisões que tomamos no passado. Tais decisões foram planejadas ou forçadas, ou simplesmente foram decisões de não tomarmos decisão nenhuma. Cada vez que tomamos as decisões acertadas, crescemos, "... pois fazemos as coisas certas pelas razões certas."

É claro que não existe nenhuma pessoa que não tenha tomado uma atitude que tenha mudado sua vida bàsicamente. Alguns tomam atitudes que lhes trazem alegrias intensas. Outros, por falta de decisão, ou por não possuirem um ideal, tiveram falsa alegria, substituindo a alegria pura. Aquêles que procuram prazeres, satisfazem-se apenas efêmeramente. No meio dos prazeres não têm certeza se gostam de serem como são. A alegria pura é duradoura. Aceitamos a nós mesmos pelo que somos, o que é um requisito para sentirmos amor-próprio, que resulta em amor para com os outros.

A aceitação do "ego" torna-nos capazes de olharmos ao espelho sem nos sentirmos envergonhados; torna-nos capazes de conversarmos com o presidente do ramo ou com nossos pais sem sentirmos mêdo, mas alegria; sem fingirmos, mas agirmos naturalmente. Não teremos mêdo de sermos descobertos, pois o que somos, prontamente admitimos e aceitamos, o que nos coloca em posição de nos comunicarmos, principalmente com o Pai Celestial. O crescimento da alma de um indivíduo, se conseguido sem inveja, ciúme ou sentimentos de inferioridade, não pode ser medido.

Ao descobrirmos e aceitarmos a nós mesmos, constatamos que errar é humano, mas persistir no êrro é ignorância; que aprender através dos erros é progresso, mas aprender pelos erros dos outros é sabedoria; que não somos mais fracos do que os que nos rodeiam. Acreditar que isso não é assim é tolice.

Emerson escreveu: "Os jovens inseguros crescem em bibliotecas, crendo ser sua obrigação aceitar os pontos de vista de Cícero, Locke, Bacon, esquecendo-se de que Cícero, Locke e Bacon foram apenas homens de biblioteca, quando escreveram seus livros."

Negar nossa capacidade, comparando-a com o sucesso dos outros, é o mesmo que cerrar as portas ao conhecimento. O aprender é um processo contínuo, não deve ser negligenciado em qualquer época. Podemos reunir somas de conhecimentos, podemos crescer e progredir e isso em tempo relativamente curto. Por outro lado, podemos nada aprender, se fôrmos apáticos e indiferentes, adiando tôdas as nossas tarefas. Nossa sorte está ao nosso alcance.

O desenvolvimento de nossas possibilidades, como filhos de Deus, depende das decisões que tomamos e da maneira que cultivamos nosso ego. Somos muito parecidos com a semente e a planta. Podemos crescer em estatura e beleza; precisamos procurar as coisas que nutrem e sustentam a vida; precisamos procurar nosso Pai Celestial em tôdas as coisas. Precisamos conhecer suas leis e cumprí-las completamente;

Precisamos aceitar nosso eu. Mas nos satisfazer com o que somos hoje, significa que não nos satisfaremos com o que seremos amanhã. Cada dia deve trazer mais progresso. O testemunho do valor pessoal estimula tal crescimento.

PROGRAMA NOITE FAMILIAR

LIÇÕES PARA DEZEMBRO

1.ª SEMANA — **PERÍODO DE ATIVIDADE FAMILIAR**

Introdução:

Jesus procurou os seus discípulos em tôdas as camadas sociais, desde o humilde até o orgulhoso.

Não devemos limitar as nossas relações apenas aos membros da Igreja por quem sentimos afinidades. Nas amizades entre adultos e jovens, tanto uns como outros podem se beneficiar; não devemos, tampouco, limitar as nossas amizades a pessoas da nossa mesma posição ou classe social. Cultivemos uma fraternidade sem preconceitos, o que é mais do que simplesmente dizer que todos são filhos de Deus.

O programa desta noite é uma ótima oportunidade para que os membros da família familiarizem-se com outras pessoas. Convide recém-conversos ou qualquer outra pessoa com quem não esteja familiarizado.

Sugestões:

1. Peça aos presentes para falarem sôbre algo em que estejam interessados. Os pais poderão falar sôbre o seu trabalho e as mães poderão mostrar algo que fizeram, tal como tricô, bordado, pintura em porcelana, etc. As crianças poderão cantar, tocar um instrumento qualquer ou mostrar alguma coisa interessante que possuam. Os menores poderão recitar. Cada qual deverá ter sua oportunidade de mostrar os seus talentos.

2. Se a família interessar-se por música, poderá ser improvisado um grupo para cantar canções conhecidas.

3. Peça aos visitantes para contarem suas histórias prediletas. A família também poderá contar as suas histórias favoritas.

4. Todos poderão ir para a cozinha e se divertirem enquanto a mamãe faz êste doce:

Puxa-puxa

2 xícaras de açúcar
1/2 xícara de Karo branco
1/2 xícara de água
1/2 colher de chá de creme de tártaro
1 colher de baunilha

Misture todos os ingredientes, com exceção da baunilha. Leve ao fogo até que o açúcar se dissolva; deixe cozinhar até que endureça. A seguir adicione a baunilha e coloque num prato untado com manteiga.

Cada um dos presentes, após untar os dedos com manteiga, puxará um pouco de doce, formando um longo fio. Depois deverá dobrar o fio pela metade e puxar novamente. A operação deverá ser repetida até que o doce torne-se branco como a neve. Coloque o fio na pedra da pia, torça-o, corte-o com uma faca e sirva-o. Se ainda estiver pegajoso, polvilhe com açúcar.

5. Para que a reunião seja realmente interessante, certamente não poderão faltar alguns jogos de salão. Utilizem os que já sugerimos em lições anteriores ou os que apresentamos abaixo:

A. *Improvisação de histórias.* Tome vários pedaços de barbante, de comprimentos diferentes. Um participante de cada vez deverá ir puxando um fio e inventando uma história. Deverá continuar a contar a história inventada até terminar o seu barbante. Quando tiver terminado, o próximo participante escolherá outro pedaço de barbante e deverá inventar sua história, mas como continuação da história anterior.

B. *Corrida de obstáculos.* Selecione três ou quatro competidores. Disponha em fila cinco ou seis objetos, tais como litro de leite, balde, cesto de lixo, caixa de papelão, etc. Cada um dos competidores experimentará caminhar por êsses objetos. Depois disso os seus olhos serão vendados.

A seguir remova os obstáculos, sem que os participantes percebam. Conduza-os, já de olhos tapados, para onde estavam os ostáculos e divirta-se vendo-os evitar os objetos inexistentes.

C. *Meu pai era mercador.* Para esta brincadeira, escolha uma pessoa que será o líder. Poderão participar quantas pessoas quiserem.

Líder: Meu pai era mercador. Costumava trazer-me de sua loja muitos presentes finos. Certa vez trouxe-me um leque. (Todos repetem: "Trouxe-me um leque," e começam a abanar as mãos, como se realmente estivessem com um leque.)

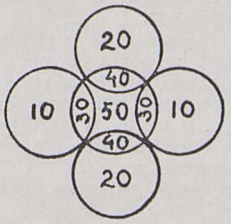
Líder: Certa noite trouxe-me uma tesoura. (Todos repetem "Trouxe-me uma tesoura," e gesticulam como se estivessem cortando algo com os dedos médio e indicador; entretanto, também deverão continuar a fazer os gestos, como se estivessem usando um leque.)

Líder: Ainda outro dia trouxe-me uma máquina de costura. (Todos repetem a frase e começam a fazer com os pés como se estivessem pedalando a máquina, sem pararem de se abanar e de cortar.)

O jôgo deverá prosseguir, como indicado acima, até que não seja possível fazer mais gestos. O líder poderá sugerir ainda que o "pai" trouxe-lhe uma cadeira de balanço, um relógio-cuco, etc. O participante que conseguir fazer todos os gestos, sem esquecer de nenhum, será o vencedor. Se o desejarem, poderão repetir o jôgo, enumerando objetos diferentes.

D. *Chapinhas.* Dê cinco chapinhas de garrafa para cada jogador (ou, pelo menos, para cada dois ou três jogadores, que as passarão adiante, depois da sua vez.) Também podem ser utilizadas moedas, em lugar das chapinhas, desde que sejam tôdas iguais.

Num papelão grosso (para se poder guardar) riscam-se cinco círculos de 0,30 cm cada. Devem ser riscados conforme o desenho abaixo, onde também figuram os pontos correspondentes a cada espaço. A 4,5 m do alvo, traça-se no chão a linha de tiro, atrás da qual se dispõem os jogadores, de posse das chapinhas.



Ao sinal de início, cada um, por seu turno, arremessa no diagrama as tampinhas, anotando o total de pontos conseguidos *depois de atiradas tôdas as cinco*. Se uma chapinha desloca a outra, vale a posição final em que tôdas ficam. A tampinha que cai sôbre uma linha nada vale, o mesmo acontecendo aos lançamentos feitos de lugar que não seja a linha de tiro. Cada qual que acaba de fazer os seus arremessos, recolhe as tampinhas e cede a vez ao seguinte, a quem entrega o material. A vitória é do jogador que primeiro somar oitenta pontos.

PROGRAMA SUGERIDO

Hino: "O' Montanhas Mil," nº 106.
Oração:
Período de Atividade Familiar
Hino: "Nossas Vozes Elevemos," nº 128.
Oração:
Lanche: Conforme o sugerido no programa.

2.ª SEMANA — AS NOSSAS PALAVRAS DEMONSTRAM AMOR FRATERNO?

Introdução:

Peça à família para enumerar algumas maneiras pelas quais aprenderam a mostrar amor fraterno aos membros da família e aos amigos e conhecidos.

Pergunte: Por que o Pai Celestial nos deu a Igreja? (Deixe-os responder e depois conclua dizendo que uma das razões de a Igreja ter sido criada foi para que fizéssemos crescer o nosso amor fraterno.

Nesta lição tentaremos verificar a razão porque falhamos em demonstrar amor fraternal e depois de descobrí-la, procuraremos sobrepujá-la.

Lição:

1. *O que é mexerico?*

Palavras e penas

Certa vez um homem ouviu algo mal sôbre um amigo; imediatamente saiu à rua e contou aos conhecidos o que ouvira. Mais tarde descobriu que suas palavras haviam sido trocadas e exageradas e compreendeu o dano que causara ao amigo.

Com profunda tristeza dirigiu-se ao ministro da cidade e pediu-lhe conselho para que pudesse reparar o mal que havia feito. O ministro deu-lhe uma mala com penas de ganso e disse-lhe para colocar uma pena em cada porta onde êle parara para contar o mexerico. O homem saiu ràpidamente e fêz o que o outro mandara. E novamente voltou à sua presença.

Nessa segunda vez o ministro pediu-lhe para ir de porta em porta, por onde passara e recolhesse as penas tôdas. O homem replicou que isso seria impossível, pois o vento já as dispersara em tôdas as direções e que êle seria incapaz de reencontrá-las.

"Assim suas palavras foram dispersadas em tôdas as direções, por outros que repetiram o que você disse. Agora é impossível recolher as palavras que falou," replicou o ministro.

O homem saiu dalí bem triste, mas mais sábio.

Pergunte: Qual é a mensagem desta história? (Sermos cuidadosos com as palavras que pronunciamos, pois não podemos tê-las de volta; não podemos desfazer o que fizemos.)

Pergunte: O que é mexerico? Deixe cada qual expressar sua própria opinião e depois leia a seguinte definição, que é do Élder Bruce R. McConkie, do Primeiro Conselho dos Setentas:

"O mexerico consiste na divulgação de algum escândalo, na intromissão em assuntos familiares ou em negócios alheios. Freqüentemente os mexericos são falsos; quase sempre são tão exagerados que nos mostram uma perspectiva completamente diferente. E em quase todos os casos resultam no descrédito da pessoa em questão..."

Peça aos familiares para abrirem D&C e lerem na seção 42, versículo 27, o que o Senhor disse aos santos sôbre o assunto:

2. *Ao mexericarmos, quebramos o primeiro e o segundo mandamento*

Relembre à família que ao mexericarmos, quebramos o primeiro e o segundo mandamento (Vide Mateus 22:36-39.)

Pergunte: Quais são êsses mandamentos?

1. Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de tôda a tua alma e de todo o teu entendimento.
2. Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

Peça aos familiares para considerarem o primeiro mandamento e depois pergunte: Como quebramos êsse mandamento? Deixe-os opinar e então peça-lhes para ler I João 4:20-21.

Pergunte: Como o Pai Celestial sabe que o amamos? (Em nossa conversação diária, revelamos o que realmente sentimos pelo Pai Celestial. E através disso Êle sabe se nossa devoção é verdadeira ou superficial.)

3. *Qual é o preço do mexerico?*

Além de quebrarmos os mandamentos acima citados, ainda poderemos pagar por êsse êrro de outras maneiras. Pergunte se alguém tem idéia do que são. Leia Mateus 12:36-37. Explique que o mexerico pode ir mais longe do que imaginamos e não podemos ver o seu efeito total; entretanto, o Pai Celestial pode fazê-lo e o preço que pagaremos talvez seja mais elevado do que desejadamento? Deixe-os opinar e então peça-lhes para ler I João 4:20-21.

4. *O Pai Celestial deseja que cessemos de falar mal do próximo*

O Pai Celestial não deseja que sejamos condenados por nossas palavras. Êle compreende que é difícil refrearmos a nossa língua, mas também sabe que isso é possível, se tentarmos. Peça a um dos filhos para ler D&C 136:23-24. Pergunte: Quais palavras nos incitam a pararmos de mexericar? ("... cessai de falar mal um dos outros...") O que o Pai deseja que façamos ao invés de falar mal? ("... edificar-nos uns aos outros...")

5. *Cessaremos de falar mal e mostraremos amor fraterno*

A designação da próxima semana é a de mostrarem amor fraterno pelos outros, em vez de mexericarem. Para controlarem essa tendência, poderão usar o seguinte questionário:

a - Sabe se o que disse é verdadeiro?

b - O que fará para retratar-se aos olhos da pessoa atingida?

c - Repetiria o que disse pùblicamente de uma pessoa, em frente da mesma?

Se a resposta para as três perguntas é negativa, é realmente mexerico e deverá ser eliminado, mesmo com esfôrço.

Prepare um cartaz resumido, constando do seguinte:

1. É necessário?
2. Edifica?
3. Repetiria?

Coloque-o onde possa ser visto durante tôda a semana pela família. Os pais deverão ajudar os filhos ao discutirem as conclusões diárias com êles e encorajá-los a mostrar amor fraterno pelos outros. Os pais devem também certificar-se se sua própria conversação pode realmente servir de exemplo aos filhos.

Atividade:

"Palmas"

Arranje um saquinho de milho e uma cadeira para cada partido. Os participantes reunem-se em partidos iguais, dispostos em colunas paralelas, atrás de uma linha de saída. Cada jogador guarda a distância de um braço do seguinte, dando-se aos testas de coluna um saquinho. Em frente a cada equipe e a 10 m da linha de saída põe-se uma cadeira.

Ao sinal de início, o primeiro de cada equipe bate uma palma e atira o saquinho de milho para o alto e para trás. O seguinte bate uma palma, pega o saquinho (no ar ou no chão) atira-o da mesma forma para a retaguarda e assim sucessivamente, até ao último da coluna. Êste, ao receber o saquinho, vai a pular num pé só até à cadeira, contorna-a, joga três vêzes seguidas o saquinho para o alto, batendo de cada vez uma palma, antes de o pegar de volta e retorna a correr para a coluna. Posta-se, então, à sua frente, porém atrás da linha de saída. O jôgo prossegue como antes, recuando o grupo inteiro um lugar cada vez que alguém sai, até todos terem a sua vez.

Constituem faltas, que acarretam ao partido a perda de um ponto: deixar de bater as palmas exigidas; o testa da coluna não se manter atrás da linha de saída; saltar algum jogador na passagem do saquinho.

A vitória é do que primeira voltar à posição inicial, desde que não tenha perdido mais três pontos do que o seguinte.

PROGRAMA SUGERIDO

Hino: "Tal Como um Facho," nº 160.
Oração:
Lição/Objetivo: Motivar cada membro da família a mostrar amor fraterno, eliminando o mexerico de sua conversação.
Memorização: D&C 42:27.
Atividade: "Palmas."
Hino: "Se a vida é penosa," nº 69.
Oração:
Lanche: Pé-de-moleque feito em casa.

3.ª SEMANA — HONREMOS O SENHOR DURANTE O NATAL, MOSTRANDO AMOR FRATERNO

Introdução:

Nesta lição tentaremos descobrir o verdadeiro espírito de Natal, e esperar que durante os feriados natalinos os membros da família realmente sintam o espírito de amor em seus corações, demonstrando fraternidade. Na oração de abertura, a pessoa designada para fazê-la deverá expressar gratidão pelo nascimento de Jesus e por sua vida de amor e serviço para com o próximo.

Lição:

1. *O Pai Celestial anunciou o nascimento de seu filho*

Pergunte: O que os pais geralmente fazem quando nasce um nôvo bebê? (Anunciam a data do seu nascimento, convidam os amigos e conhecidos para ir vê-lo.)

Por que anunciam o seu nascimento? (Porque sentem-se orgulhosos e felizes.)

Diga-lhes que existe uma canção que fala sôbre o nascimento de um bebê ("Erguei-vos, cantando," nº 95) Quem é êsse bebê?

Pergunte: Maria e José estavam felizes por terem tido êsse bebê? Quem era realmente o Pai de Jesus? O Pai Celestial estava feliz com o nascimento de seu filho? (Sim, pois Jesus era o seu único Filho na carne.)

Peça aos familiares para lerem juntos Lucas 2:8-14 e III Nefi 1:21. Após a leitura dêsses versículos, peça a alguém para contar como o Pai Celestial anunciou o nascimento de Jesus.

2. *Comemoramos o nascimento de Jesus*

Explique que o nascimento de um bebê é um grande acontecimento e os pais, membros da família e amigos sempre lembram a data do seu nascimento. Mesmo quando o bebê torna-se maior, continuam a lembrar a data do seu nascimento.

Pergunte: Por que celebramos os aniversários dos familiares e dos amigos? (Porque os amamos.)

A ocasião do aniversário do Salvador é muito especial e não poderá ser esquecida porque muitas coisas maravilhosas aconteceram nessa época. Os pastôres deixaram os seus rebanhos e sairam para ver o nôvo bebê. Os magos de terras distantes viram a nova estrêla que apareceu e viajaram muitos dias para conhecer o Menino. Sabiam que era Filho do Pai e honraram o seu nascimento, oferecendo-lhe presentes. Leia Mateus 2:9-11.

Pergunte: Quais são alguns dos modos pelos quais celebramos o Natal? saudando amigos e conhecidos; revivemos o seu nascimento freqüentando os programas da Igreja ou lendo as passagens da escritura que contam do seu nascimento.)

Pergunte: Todos celebram o nascimento de Jesus, mas será que todos o honram? (Algumas pessoas celebram o seu nascimento porque o amam e apreciam o que fêz; outros o fazem sòmente porque é feriado; outros ainda nem sabem porque o celebram, lembram-se apenas que é um feriado: não trabalham, as lojas estão fechadas, etc.)

3. *O egoismo freqüentemente empana o espírito de Natal*

Honrarmos o Salvador, vivermos os seus mandamentos e sermos bons realmente faz com que a celebração do aniversário de Jesus seja agradável a Êle. Mas o espírito com que muitas pessoas celebram o Natal não é agradável aos olhos do Salvador. Para ilustrar, cite os exemplos abaixo:

A. Catarina disse aos pais, "Por que não me dão o mesmo número de brinquedos dados ao Jorge?" Pergunte: Que espírito prevaleceu nesta frase?

B. A irmã Marques atendeu à porta e cumprimentou uma senhora que estava coletando donativos para os pobres. Em resposta ao pedido da senhora, essa irmã respondeu: "Não, nada tenho para dar. Apenas temos o suficiente para nós; dê-lhes trabalho para que obtenham o mesmo que nós."

Pergunte: Que espírito estava presente nesta frase?

4. *Honramos o nascimento do Salvador ao mostrarmos amor fraterno*

Enumere alguns costumes tradicionais do Natal e peça aos familiares para mostrarem as maneiras pelas quais demonstramos amor fraterno através dos mesmos. As seguintes sugestões podem ajudá-lo:

Cartões de Natal

Como podemos mostrar amor fraterno quando enviamos cartões? Deixe-os expressar os seus pontos de vista; após isso saliente a idéia de que os cartões de Natal podem realmente demonstrar o nosso amor. Ex.: Dna. Hercília tinha 80 anos e sentia-se muito só. Algumas vêzes achava que ninguém a amava. Durante a época do Natal, esperava ansiosamente por qualquer carta e quando recebia cartões vibrava de alegria. Entretanto, no último Natal, quase ninguém lhe enviou cartões e ela refletiu: "Acho que ninguém tem tempo de sobra para perder com uma velha como eu, por isso não me mandaram nada."

Ao fazermos a lista das pessoas a quem enviaremos os cartões, devemos considerar a pessoa em si e não apenas o seu nome ou posição social.

Atividade:

"Sargento e Capitão"

Dois partidos iguais dispõem-se em duas fileiras fronteiras, conservando os jogadores de cada partido três passos de distância entre si. O primeiro e último de cada equipe são, respectivamente, denominados "sargento" e "capitão", recebendo cada qual uma bola. Para as fileiras se manterem na posição exigida, risca-se uma reta à frente delas.

Ao sinal de início, sargento e capitão (de cada partido) avançam dois passos e voltam-se de frente um para o outro. O primeiro joga a bola ao capitão, o qual retorna ao seu lugar na fileira e inicia a passagem da bola aos companheiros, lançando-a ao vizinho da esquerda, para que ela seja passada de *um* em *um*, até ao outro extremo. Enquanto isto, o sargento corre pela frente do grupo, para ocupar o último lugar, que já deve estar vazio, pois assim que começa a passagem da bola, tôda a fileira se desloca para a esquerda.

Quando a bola alcança a extremidade esquerda, um nôvo sargento e um nôvo capitão avançam dois passos, defrontam-se e repetem o feito anteriormente. A brincadeira continua, ocupando cada qual, por sua vez, o lugar de sargento e de capitão, até o partido regressar à posição original.

Constituem faltas, que acarretam a perda de um ponto ao partido: deixar cair a bola; não passar a bola de um em um, por todo o grupo; o sargento correr antes de ter lançado a bola ao capitão; êste começar a passagem da bola pela fileira, antes de voltar ao seu lugar. Quem deixar a bola cair deve recuperá-la sòzinho, não podendo ser nisto ajudado por ninguém, sob pena do partido perder um ponto.

A vitória é da equipe que primeiro termina, desde que não tenha perdido mais três pontos do que a seguinte.

PROGRAMA SUGERIDO

Hino: "Na Bela Noite Se Ouviu," nº 64.
Oração:
Lição/Objetivo: Inspirar cada membro da família a demonstrar amor fraterno nesta época.
Memorização: III Nefi 1:21.
Atividade: "Sargento e Capitão."
Hino: "Pequena Vila de Belém," nº 119.
Oração:
Lanche: Pipoca.

4.ª SEMANA — PERÍODO DE ATIVIDADE FAMILIAR — VINDE, ADOREMOS AO SENHOR

Objetivo:

Ajudar os familiares a sentirem o maravilhoso espírito de Natal.

Introdução:

Esta atividade deverá ser preparada com uma semana de antecedência. Poderá ser uma maravilhosa oportunidade para convidar seus vizinhos a partilharem de sua Noite Familiar. Não esqueça de convidar a tia que mora sòzinha ou as pessoas que vivem um tanto solitàriamente.

Êste programa será uma rica experiência se a família dispender um bom tempo relatando a verdadeira história do Natal; não deixe de realizar o programa por pensar que a família já a conhece. O tempo que passarão juntos jamais será esquecido se o programa fôr preparado com cuidado, possibilitando aos familiares sentirem com tôda a profundidade a "maior história já contada."

Preparação:

O programa é bem simples e não haverá dificuldade em prepará-lo. Será mais expressivo se puder ser apresentado sem interrupção. Oferecemos aqui umas poucas sugestões que o ajudarão a tornar êsse programa uma experiência realmente espiritual para a sua família:

- Marque as escrituras a serem lidas com um lápis, no espaço onde as pessoas deverão começar e terminar, para que durante a apresentação pròpriamente dita não fiquem indecisas, perguntando, "onde devo parar?" "isto é o bastante?"

- Se cada apresentador tiver a sua Bíblia, o programa se desenrolará mais perfeitamente. Certifique-se se cada pessoa sabe em qual parte deve parar para cantar. Se os apresentadores são crianças, treine-os bem na pronúncia e entonação das palavras e peça-lhes para que leiam com sentimento.

- Depois de haver decidido quantos versículos usará, as letras de cada hino e canção deverão ser copiadas, para que cada pessoa presente possa acompanhá-las enquanto estiver cantando.

- Se o programa puder ser feito com acompanhamento musical, o executante deverá começar o prelúdio da música tão logo um dos apresentadores termine de ler a sua escritura.

- Faça com que todos os familiares participem, cantando em grupo, duos, ou recitando as escrituras individualmente.

- Planeje o programa levando em conta as facilidades e talentos de sua família. O importante é que a mesma, através desta atividade, aprecie ainda mais profundamente a bela história do nascimento do Salvador.

Programa:

Oração: Por uma criança.

Hino: "Erguei-vos, cantando." nº 95. Cantem apenas as duas primeiras estrofes dêsse hino. Se o programa estiver sendo feito com acompanhamento musical, o instrumentista deverá continuar a tocar suavemente, inclusive enquanto a escritura estiver sendo lida. Quando esta terminar de ser lida, o instrumentista voltará ao tom normal e a família cantará a terceira estrofe do hino. Se não há instrumentos musicais em sua casa, cantem apenas, conforme as instrucões acima. Durante a leitura da escritura, continuem a cantar o hino em surdina.

Escritura: Mateus 1:18-23. Não explique aos presentes as palavras ou partes difíceis da passagem. Deixe que a família compreenda o espírito do que Mateus está dizendo e continue o programa sem interrupção.

Escritura: Lucas 2:1-7.

Hino: "Pequena vila de Belém," nº 119. Cantem apenas uma estrofe. Esta música é muito apropriada para ser cantada apenas por uma pessoa.

Escritura: Lucas 2:8-14. Se quiserem, poderão fazer um jogral dessa passagem. É a mais conhecida das escrituras ditas no Natal e talvez mesmo a mais bela.

Hino: "Quando o anjo proclamou," nº 26. Se quiserem poderão cantá-lo inteiro; caso contrário cantem apenas a primeira estrofe.

Escritura: Lucas 2:15-20.

Hino: "Eis dos anjos a harmonia," nº 46. Cantem-no inteiro.

Narração: Algum familiar deverá ler o seguinte trecho ou dizê-lo com as suas próprias palavras:

"Os Reis Magos não chegaram na mesma noite em que Jesus nasceu, como fizeram os pastôres. Viram a estrêla no este e viajaram bastante para encontrá-lo; chegaram na Palestina algum tempo depois, talvez meses.

Não há registro de quantos sábios vieram adorar o Salvador. Talvez tenham sido 3; ou 7; ou 10. Mas não importa quantos tenham vindo. O importante é que os Reis Magos, isto é, os sábios, vieram dar presentes e adorar o Menino. Hoje devemos lembrar que êsses homens ainda o procuram."

Hino: "Na bela noite se ouviu," nº 64.

Escritura: Mateus 2:1-11.

Hino: "Mundo feliz, nasceu Jesus," nº 71.

Testemunho: Agora seria uma hora bastante oportuna para o pai prestar seu testemunho de que êle sabe que Jesus é o Filho de Deus. Preste seu testemunho, expressando aos familiares o amor e a alegria que sente nesta época, quando podemos celebrar o Seu nascimento. Neste mês devemos pensar em Jesus e dispender tempo para demonstrar a nossa apreciação por Êle, através do modo pelo qual mostramos o nosso amor aos outros. Encoraje os familiares a encarar o mês de Natal como a ocasião de mostrarmos o nosso amor, não pelos presentes que damos, mas através do modo como tratamos uns aos outros.

Deixe-os expressar também os seus sentimentos sôbre o Salvador e especialmente sôbre o seu nascimento.

Hino: "Noite Feliz," nº 121.

Oração: A mãe poderá fazer essa oração. Isto lhe dará a oportunidade de expressar o seu testemunho, ao mesmo tempo que agradece ao Senhor pela família que tem e pelo amor que sente por ela e por Jesus.

Atividade:

Sirva refrescos depois do programa e também algum doce tradicional ou que sua família aprecie bastante. Se quiser, use uma das inúmeras sugestões que apresentamos em lições anteriores.

A família poderá cantar músicas natalinas, que não sejam necessàriamente hinos. Entre um intervalo e outro dessas músicas, mencione que muito antes do nascimento do Salvador, os profetas já sabiam de sua vinda e falavam com grande sentimento sôbre isso. Peça-lhes para ler em uníssono Isaías 9:6.

ARTIGO DE CAPA

Em nossas idas e vindas para o trabalho, para a escola, ou em passeios sem rumo, percorremos muitas vêzes determinados caminhos, que se vão tornando afinal tão conhecidos, que já não reparamos mais nas coisas que os margeiam.

A grande árvore, por exemplo, coberta de fôlhas verdes, projetando sombra em tôrno como as demais, e pela qual passamos infinitas vêzes. Lá um dia notamos que suas fôlhas começam a amarelecer e o vento as vai levando uma a uma. Dentro de poucos dias já começam a aparecer-lhe os galhos por entre a folhagem cada vez mais escassa e requeimada.

- Parece que esta árvore está morrendo, pensamos, despertados pela mudança. Com o passar do tempo chega finalmente o dia em que só restam o tronco nú e os galhos magros bracejando ao vento.

- Pobre árvore, dizemos, tão frondosa e verde entre as companheiras, tão acolhedora e amiga, e hoje está morta. Os pássaros agora não a procuram mais para fazerem seus ninhos, porque não encontram aconchêgo nos seus ramos. O viajor não mais se detém para descansar recostado em seu tronco na hora do sol a pino. Que lhe teria acontecido? Seria algum inseto daninho o causador de tudo, ou algum elemento estranho do solo lhe teria envenenado a seiva? Agora alí está ela, inútil e despida. Melhor seria que a cortassem para lenha do que permanecer fantasmagòricamente de pé, enfeiando o lugar. Em sua fealdade chega a ser ofensiva ao risonho aspecto da paisagem ao redor.

Entretanto, os dias continuam a passar. Levados por outras necessidades da vida, deixamos talvez de freqüentar por algum tempo aquêle caminho e nos esquecemos da árvore infeliz e nua com seus galhos hirtos voltados para o céu.

Um dia voltamos a passar pela antiga vereda. A primavera chegou e a alegria baila no ar. Ao longo da estrada vicejam os botões e cantam os pássaros, enquanto as abelhas disputam aos colibris o néctar das flôres.

Ao volvermos uma curva do caminho, contornando um grupo de árvores revestidas de vicejante folhagem verde, vamos pensando na triste figura que certamente representará aquela velha árvore morta e desfolhada no meio de tanta vida e beleza, e de repente paramos estupefatos. Um verdadeiro deslumbramento nos empolga quando aparece em tôda a sua majestade a milagrosa metamorfose por que passou a grande árvore. Em lugar da nudez dos dias anteriores, e muito mais bela que a antiga e simples cobertura de fôlhas verdes, recobre-lhe os galhos ainda ontem despidos e lúgubres, uma verdadeira túnica imperial de fulgurantes flôres coloridas.

Transfigurada como a borboleta que nasce do feio casulo, ela brilha ao sol primaveril em tôda a sua indescritível beleza, como rainha entre as escravas.

Não temos mais olhos para coisa alguma e alí quedamos extasiados com o espetáculo e embriagados com o perfume que emana daquela deslumbrante vestidura de flôres

Acorrem à mente naquele instante as palavras do Mestre: "O que se humilhar será exaltado".

Como poderia aquela árvore recobrir-se de tantas flôres, imperando sôbre a campina em esplendor, se não houvesse passado primeiro pela humilhação da nudez e enfrentado a pecha de esterilidade, suportando o vexame de bracejar galhos despidos para o céu, enquanto suas companheiras continuavam a ostentar o garbo de suas viçosas coberturas de folhagem?

Como Lázaro, na parábola, o período de humilhações, enquanto outros se regozijavam, preparou o caminho para o esplendor, quando chegou o momento oportuno.

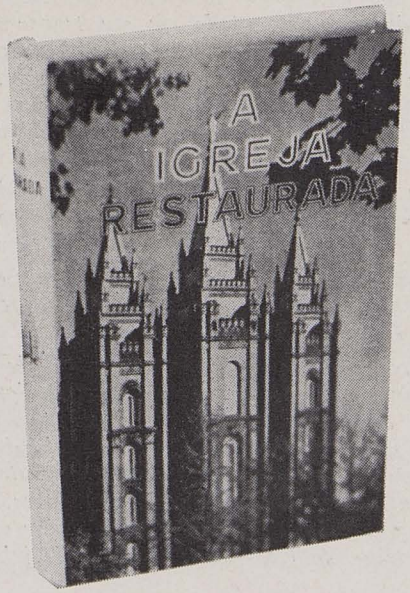
Assim ocorre com todos os filhos de Deus que nesta vida se dedicam a obedecer os mandamentos do Pai, porque muitas vêzes os homens hão de passar por êles meneando as cabeças e dizendo entre si:

- Pobres miseráveis. Humilham-se inùtilmente enquanto o mundo se alegra com os bens da vida.

Contados entre os desprezíveis, considerados muitas vêzes como feridos de Deus e os mais lastimáveis entre os mortais; dia virá em que o Senhor os vestirá de vestes reais, e como a árvore que se recobre de flôres na primavera, serão tidos por bemaventurados e se erguerão como príncipes, no dia em que se manifestarem em glória para reinar com Êle por tôda a eternidade, diante da muda estupefação daqueles que os desprezaram.

Vivificante leitura para o Natal

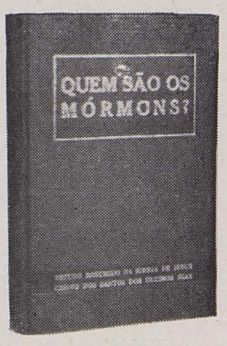
Eis algumas das importantes obras SUD editadas pelo Centro Editorial Brasileiro — palavras de inspiração e entretenimento que fortalecerão o seu conhecimento e sua apreciação do evangelho.



Cr$ 7.000

A IGREJA RESTAURADA

Em magnífica apresentação a quatro côres, encadernado em percaline, profusamente ilustrado com fotografias e mapas históricos, êste volume propicia um estudo essencial da história do desenvolvimento e da doutrina dos santos dos últimos dias. Tem sido de largo uso nos seminários e escolas da Igreja, estando agora em sua décima edição em inglês e primeira em português. Oferece ainda extensa bibliografia e completo índice de referências.



Cr$ 1.000

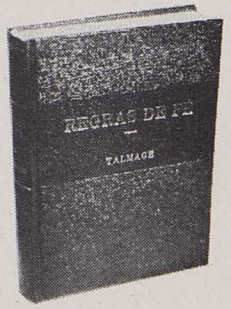
QUEM SÃO OS MÓRMONS?

Um estudo resumido da Igreja, apresentando de maneira agradável e franca resposta às perguntas iniciais sôbre o mormonismo, tais como, "quem são êles, em que acreditam, qual é o seu programa." Amplamente ilustrado com fotografias históricas.

Cr$ 1.100
Cr$ 1.500 c/ capa

O LIVRO DE MÓRMON

Em primorosa apresentação em percaline com gravações douradas e sobrecapa plastificada, em quatro côres, êste importante testemunho histórico da vinda de Jesus Cristo ao continente americano constitui uma ótima sugestão para um presente inspirador.



Cr$ 1.120

REGRAS DE FÉ

Apresenta um estudo das principais doutrinas da Igreja, de forma aperfeiçoada e em parte reescrita. Contém conhecimentos indispensáveis tanto ao membro da Igreja quanto ao observador de fora; esta obra foi traduzida para as principais línguas do mundo.

CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO

Rua Afonso Braz, 464 -
fone 61-2344 - São Paulo

Peça agora!

Centro Editorial Brasileiro - Rua Afonso Braz, 464 - fone 61-2344 - São Paulo

Quem são os mórmons? ☐ *A Igreja Restaurada* ☐

O Livro de Mórmon ☐ *Regras de Fé* ☐

Incluso cheque visado pagável na Praça de São Paulo

Nome .....

Endereço .....

Cidade ..... Estado .....

22 DEC 1966